

JORNAL DE NISA

QUINZENÁRIO REGIONALISTA E INDEPENDENTE



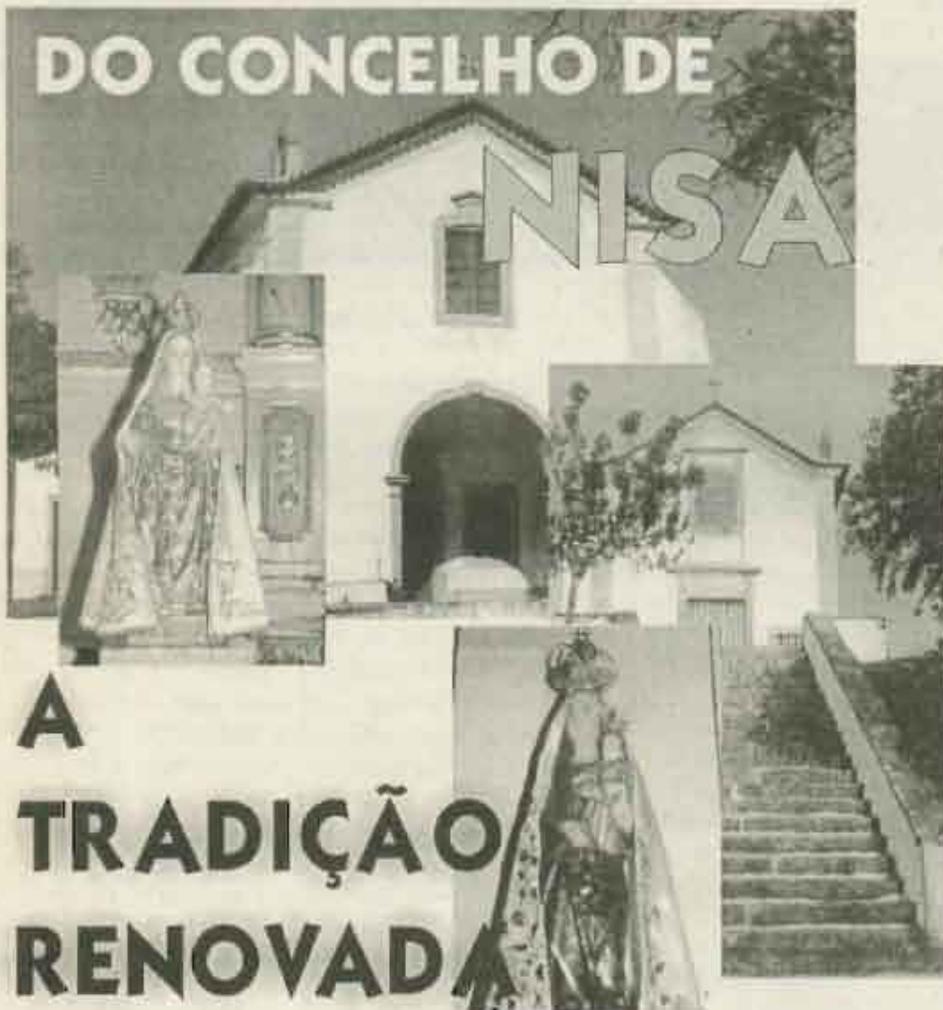
Ano I
Nº 31
14 de Abril de 1999
Preço: 100\$00

Porto Pago
6060 NISA
TAXA PAGA

ROMARIAS

DO CONCELHO DE

NISA



A
TRADIÇÃO
RENOVADA



23 GOLOS PARA APURAR UM FINALISTA

NISA E BENFICA ELIMINA TERRUGEM

DR. JAIME DE ALMEIDA



HOMENAGEM NOS
100 ANOS
DO SEU NASCIMENTO

25 ANOS
DO

25
DE
ABRIL A LIBERDADE
QUERIDA
E SUSPIRADA

DR. DONATO E
D. BELMIRA

RECONHECIMENTO PÚBLICO EM AMIEIRA

DIA MUNDIAL DA SAÚDE
COMEMORADO
COM IDOSOS

5 de Abril- Feriado Municipal

Romarias por todo o concelho

A segunda-feira após a Páscoa é dia de Romarias em todo o concelho de Nisa. Dia de feriado municipal, com muito sol e um clima tipicamente de Verão, centenas e centenas deromeiros rumaram até Nisa-a-Velha, para

celebrarem a festa da padroeira de Nisa - Nossa Senhora da Graça -, até à Senhora da Redonda, padroeira de Alpalhão; ao Santo Amaro, em Tolosa, ou ao Santo António, em Arês. São as romarias o concelho, marcos centenários da tradição do apego a valores que nos foram legados e que se procuram

manter, muitas vezes contra ventos e mares estrangeiros.

Este ano o tempo convidou e muita gente dispensou modernices e foi de abalada, farnel a tiracolo e a fé no semblante, à procura de uma palavra, de um gesto, um alento, fundados numa imensa esperança que todos os anos se renova.



Abuso de crianças preocupa Testemunhas de Jeová

O problema do abuso de crianças é um tema em destaque no trabalho educativo das Testemunhas de Jeová, de acordo com um comunicado que a Congregação de Nisa fez chegar à nossa redacção. Este mês e como parte do seu programa educativo, as Testemunhas de Jeová distribuirão em Portugal uma série de artigos sobre os maus tratos infligidos às crianças. Também a edição da revista *Despertai!* destacará um alerta para este problema mundial do abuso e exploração de crianças, revela o comunicado.

A eliminação do abuso sobre as crianças - prossegue o documento - é uma tarefa fundamental, na opinião de muitos técnicos que trabalham no apoio às crianças. Baseiam-se, para tanto, nas sinistras estatísticas que apontam para os aumentos alarmantes do número de casos de abuso sexual, físico e mental de crianças: em Portugal, os dados públicos mais recentes, datados de 1997,

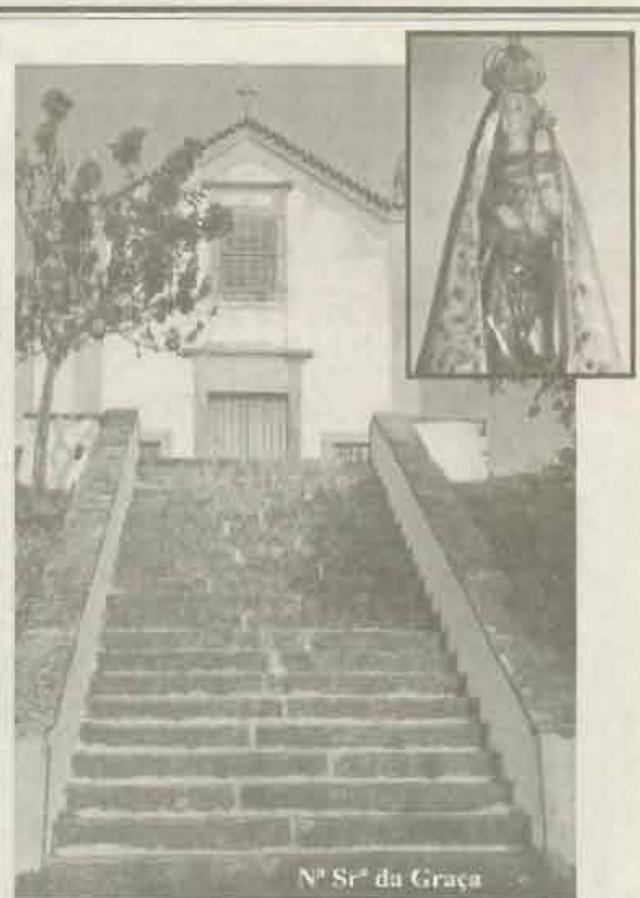
apontavam para 3.000 processos de maus tratos, que envolviam mais de 3500 crianças. O efeito devastador deste flagelo na sociedade e o esforço necessário para pôr termo à exploração das crianças continuam a deter a atenção do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), revelam as Testemunhas de Jeová. Uma preocupação que ressalta do relatório "O Estado das Crianças no Mundo" e que exprime a preocupação de que "se o investimento nas crianças não for realizado, todos os problemas mais fundamentais e de longo prazo da humanidade continuarão a ser problemas fundamentais e de longo prazo", conclui o comunicado.

É para estes problemas que a edição de 22 de Maio da revista *Despertai!* irá chamar a atenção, baseando-se, de acordo com o documento a que vimos fazendo referência, num exame à situação de milhões de crianças e os efeitos daí resultantes na comunidade

mundial, e numa pesquisa sobre o trabalho infantil.

"Já há muitas décadas que as Testemunhas de Jeová têm vindo a providenciar informações com um impacto benéfico nas comunidades onde se inserem" revela o comunicado citando palavras de António Belo, o porta-voz das Testemunhas de Jeová, em Nisa. De acordo com a citação, "artigos como este sobre as crianças não apenas sensibilizam os nossos vizinhos, como também nos ajudam a todos a entender o que precisamos fazer como pais para assegurar que os nossos filhos desfrutem dum ambiente familiar estável. Fazemos isso porque nos importamos".

A concluir, o comunicado das Testemunhas de Jeová informa que a revista estará disponível em mais de 80 idiomas e "far-se-á um esforço especial para distribuir os artigos a entidades e instituições que trabalham junto das crianças".



É Primavera, dia de Nossa Senhor da Graça

De verde, amarelo, roxo e branco
Está o campo matizado
Anda no ar um odor inebriante
Que me deixa extasiado

Abelhas entram silenciosamente
Ao Divino Mestre seu polén vão ofertar
É uma colmeia de fé permanente
Que as ajuda dos males a libertar

Entre dois beijos e um terno olhar
No muro sentados e de mão dada
Enquanto a banda não começa a tocar

Ouve-se a algazarra da pequenada
E o som agudo do sino o ar trespassa
É Primavera, dia de Nossa Senhora da Graça!

Clube de Caçadores de Nisa tem sede no Clube Nisense

O Clube de Caçadores de Nisa, em informação dirigida a todos os sócios e população, dá a conhecer a sua instalação, desde o dia 25 de Março, na nova sede, uma sala nas instalações do Clube Nisense, onde passam a funcionar os serviços desta associação.

No mesmo comunicado, a direcção do Clube alerta todos os associados para a necessidade de procederem ao pagamento, até 30 de Abril, da quotização referente a 1999, ao mesmo tempo que solicita a todos os sócios que não pretendam continuar nesta qualidade, que informem a direcção.

Reactivado há pouco mais de dois meses, o Clube de Caçadores de Nisa, elegeu os corpos dirigentes da associação e deu início ao processo de constituição de uma reserva de caça associativa, estando na fase de estabelecimento de acordos com diversos proprietários agrícolas para a concretização deste objectivo.

Entretanto, abriu inscrições para a admissão de novos sócios, apenas podendo ser admitidos os indivíduos naturais ou residentes em Nisa, que se disponham ao pagamento de uma jóia inicial e da quotização relativa ao ano de 1999.

Nos 100 anos do seu nascimento

Município homenageou o



Dr. Jaime de Almeida

A Câmara Municipal de Nisa promoveu no passado dia 5 de Abril - Feriado Municipal - uma digna e singela homenagem, a título póstumo, ao Dr. Jaime de Almeida, ilustre filho desta terra e aqui nascido há precisamente 100 anos.

A sessão solene de homenagem decorreu no auditório da Biblioteca Municipal repleto de assistência, estando presentes o presidente e vereadores da Câmara, familiares e amigos do Dr. Jaime de Almeida, e outros convidados.

Abriu a sessão o vereador do pelouro cultural, Manuel Vences Cordeiro, que numa curta intervenção explicou as razões da homenagem.

A evocação da figura e da obra do dedicado nicense, esteve a cargo do Dr. Sampaio Soares, amigo e conhecedor da vida multifacetada do homenageado, num discurso pleno de significado e de que damos

o merecido destaque noutra local. Depois da sessão, os participantes nesta jornada evocativa, rumaram ao local onde outrora existiu a Horta do Parreirão, que foi propriedade do Dr. Jaime de Almeida e onde hoje se encontra implantada a Urbanização das Amoreiras, tendo num dos novos arruamentos daquela Urbanização, sido descerrada uma lápide que fica a assinalar a nova designação toponímica: Rua Dr. Jaime de Almeida / 1899 - 1972. Uma cerimónia também ela muito simples (realizada muito para além do horário programado), a condizer com a figura e o carácter do homenageado, e sublinhada com os aplausos das pessoas que ao acto assistiram. O convívio prosseguiu depois no refeitório municipal onde a Câmara ofereceu um lanche a todos os participantes.

A intervenção do dr. Sampaio Soares



(...) De então para cá, e ao longo da sua história, Nisa prosperou e impôs-se sempre pela qualidade dos homens que gerou.

Homens como o Dr. Jaime de Almeida.

Homens como aqueles que Fernando Pessoa cantou:

"Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo"

Por isso a minha terra é tão grande como outra

qualquer

Porque eu sou do tamanho do que vejo

E não do tamanho da minha altura"

O Dr. Jaime de Almeida, que desde muito novo conheci, foi um homem do tamanho do que via e... via longe.

Nasceu em Nisa no dia 5 de Abril de 1899, há precisamente 100 anos. Licenciou-se em direito, abraçou a carreira da Magistratura, que

Passos do Concelho



O Tejo em Amieira

Vinte e cinco pontos constituíram a ordem de trabalhos da reunião da Câmara de Nisa realizada no passado dia 30 de Março, em Amieira do Tejo e à qual faltaram o presidente da edilidade (doente) e o vereador Arménio Morais (de férias).

Prosseguindo o ciclo de sessões descentralizadas, o executivo municipal reuniu-se desta vez em Amieira do Tejo, o importante burgo medieval que já foi sede de concelho e terra de grandes tradições. A sessão decorreu no salão de reuniões da Junta de Freguesia perante muito público que, no final, não regateou palavras para apresentar alguns problemas com que se debate aquela localidade.

Aberta a sessão por Francisco Paixão, que presidiu, os edis aprovaram o Relatório de Actividades e a Conta de Gerência do Município, respeitantes ao ano de 1998, com abstenção, em ambas as votações, do vereador Vences Cordeiro. Por unanimidade foi aprovado o plano de trabalhos e o cronograma financeiro da reparação da Estrada Municipal 529 (Nisa - Tolosa), até ao cruzamento para as Termas da Fadagosa, bem como o preçário a praticar na época balnear de 1999 e a candidatura do Centro Urbano de Nisa ao programa Prosiurb - Valorização dos Centros Urbanos da rede complementar.

A edilidade aprovou deli-

berações relativas a seis processos de obras particulares, a realização conjunta pela Câmara e a Associação de Agricultores do Distrito de Portalegre da Feira do Queijo de Nisa, e a adesão do município ao protocolo da Associação de Municípios do Norte Alentejano respeitante ao nó local do Sistema de Informação Geográfica (SIG).

Aprovado foi também o arranjo da zona envolvente do polidesportivo do Bairro da Cevadeira, a programação do Cine Teatro para o mês de Abril e o regulamento de utilização do Aterro Sanitário da Serra de S. Mamede.

O Dr. Jaime Almeida vai ter o seu nome perpetuado numa das ruas da Urbanização das Amoreiras, na sequência da homenagem, a título póstumo, promovida pela Câmara, uma decisão na qual a vereadora Maria Gabriela se absteve. Os eleitos aprovaram o relatório final de análise da reclamação de uma firma concorrente ao processo de construção do complexo turístico do rio Tejo, antes de ouvirem o que os municípios amieirenses, de viva voz, tinham para apresentar.

Um dos problemas, levantado por Francisco Trindade, presidente da Junta, respeita à "antiga" necessidade de dotar Amieira do Tejo de uma estrada capaz que a ligue à sede do concelho.

A actual, estreita, sinuosa e com o piso há muito deteriorado, está longe de responder às ambições dos

amieirenses e de uma terra que se quer mostrar ao turismo.

A qualidade da água e a fraca pressão da rede nalguns locais, foram outras das situações apresentadas. Aliás, problemas não faltaram para suscitarem a atenção dos representantes do Município. Assim não falte a vontade de os resolver.

Na sessão realizada no dia 6 de Abril, com a presença de todos os eleitos, a Câmara aprovou a aquisição de prédio nas Portas de Montalvão, em Nisa, a adjudicação do fornecimento e colocação de guardas metálicas na Estrada Municipal Nisa-Pê da Serra, no valor de 4.032 contos mais IVA, retirando da ordem de trabalhos o ponto sobre a exploração do bar / quiosque das Termas da Fadagosa. O apoio técnico e na feitura de projecto para obra, em Nisa, e a aprovação do cumprimento do Código do Procedimento Administrativo (CPA) respeitante a oito processos de construção de moradias na Estrada da Circunvalação, em Nisa, foram outras das deliberações tomadas. Por último, a edilidade deu parecer favorável à integração do Município do Gavião na Região Alentejo, antes da intervenção do município José Rodrigues, que levantou a necessidade de construção de novos sanitários na Praça da República, na zona do Jardim Municipal, capaz de responder às solicitações de inúmeros idosos que frequentam aquele espaço público.

serviu com zelo, competência e independência.

Foi magistrado do Ministério Público, designadamente na Comarca de Castelo Branco e magistrado judicial entre outras, nas comarcas de Moura e Coimbra, e ainda Juiz dos Tribunais de Trabalho de Braga e Évora.

Nos anos 50, afastou-se da Magistratura e radica-se em Nisa, onde até à sua morte, em 17/4/1972, foi, como já se disse, e se lê no convite da

Câmara Municipal, pessoa muito ilustre e muito querida de toda a população.

Nos seus tempos universitários, ligou-se ao Integralismo Lusitano e abraçou a doutrina social da Igreja, doutrina que seguia nas suas relações com a comunidade e na sua vida pessoal.

Ao sair da faculdade, evidenciou logo as virtudes do seu carácter, quando recusou uma proposta excepcional, do Comandante Vilhena, por ela

exigir que trocasse os seus ideais, que o ligavam ao Integralismo Lusitano, pela sua filiação no Partido Republicano.

Ainda na força da sua juventude, no início da sua actividade profissional, procedeu à divisão em 100 parcelas do seu prédio rústico, chamado Vale Cardoso, que atribuiu a 100 trabalhadores, chefes de família, sem terra e com filhos.

Continua na pág. 4

Homenagem ao Dr. Jaime de Almeida

Continuação da pág. 2

Ao repensar a vida e personalidade do Dr. Jaime de Almeida, recordei "O deserto é fértil" de D. Hélder Câmara.

Para este grande apóstolo e lutador pelo bem dos mais desfavorecidos, só estaremos em condições de ajudar a humanidade vencendo o egoísmo pessoal e internacional, egoísmos que só se podem combater com inteligência e sentido positivo no íntimo de cada um.

O homenageado viveu sem egoísmos e actuou com inteligência e sempre com um sentido positivo.

Por isso, 27 anos depois do seu falecimento, aqui estamos a homenagear a sua memória.

Na mesma obra, D. Hélder Câmara, lembra-nos que:

"Há quem tenha / Entranhas de posse / Há quem tenha / Essência da dádiva!"

O Dr. Jaime de Almeida passou pela vida com essência da dádiva.

Logo em 1934, era presidente das Conferências de S. Vicente de Paulo, em Nisa. Como todos sabemos, é objectivo destas Conferências, levar ajuda material e moral aos mais necessitados.

Mas, como homem culto e com aquela inteligência e espírito positivo invocado por D. Hélder Câmara foi mais longe.

Organizou em Nisa uma série de conferências sobre a Doutrina Social da Igreja para despertar naqueles que podiam dar de si e do seu as suas responsabilidades de natureza económico-social.

Entre muitos outros vieram a Nisa os drs. Serras e Silva e Tomás Gambôa, os profs. João Porto e Dinis da Fonseca, que proferiram conferências que tiveram eco na imprensa nacional.

Um dia, seguia de automóvel entre Nisa e Castelo Branco. Viu um homem com uma criança nos braços. O seu sentido pelos outros despertou-lhe a atenção, prevendo que não se tratava de uma caminhada normal. Parou, inquiriu e soube que era um pai com o filho doente. Vinha do Cacheiro a pé, por não ter podido pedir transporte para Nisa. Na época, as terras ainda não tinham ligação telefónica à sede do concelho. Não mais descansou enquanto não viu o telefone em todos os lugares e, na época em que foi presidente da Câmara, dedicou grande atenção às freguesias para as equipar, como equipou, das

necessárias infra-estruturas.

Antes vêmo-lo como presidente da Comissão Municipal de Assistência e da Casa do Povo.

Na época eram instituições essenciais à protecção da saúde e do bem-estar das populações.

A sua amizade com o também grande Nisense que foi o Dr. João Maria Porto, foi uma porta aberta nos Hospitais da Universidade de Coimbra. Que o digam quantos daqui seguiram com um cartão do Dr. Jaime de Almeida para o Prof. João Porto, que os seguia depois, como se estivessem em Nisa.

O Dr. Jaime de Almeida foi contemporâneo de homens que ficaram, como ele, na história de Nisa. Recordo entre outros, para além do Dr. José Fraústo Basso e do Prof. João Porto, D. António Lobo da Silveira (Alvito).

O homenageado com eles colaborou em grandes realizações que se impõem ainda hoje a quem se debruce sobre esse período. Vemos o Dr. Jaime de Almeida a colaborar na grande obra realizada pela Santa Casa da Misericórdia de Nisa. Não posso esquecer as Mesas da Misericórdia desse tempo, que construíram, puseram em funcionamento e mantiveram um Hospital que garantia à população que servia, cuidados de saúde que hoje, só se podem obter nos Hospitais Distritais.

O Dr. Jaime de Almeida é dos primeiros a dar seguimento aos objectivos da Fundação Lopes Tavares, com a criação, em 1953, de um asilo e creche que ainda hoje existem.

Esta fundação nasce em 1948, do desapossamento em vida, de tudo quanto tinha, pelo seu fundador sr. D. António Alvito.

Nisa tem tradições, como dizia, motivo de orgulho dos Nisenses, verdadeiros incentivos para os que hoje são os seus herdeiros.

Foi o Dr. Jaime de Almeida, presidente desta Câmara Municipal e foi-o em época em que a presidência não era remunerada. Não está em causa a justiça da remuneração, mas saliento este aspecto, para notar que mais uma vez, o homenageado, se entrega aos esforços de actuação pelo bem público sem qualquer contrapartida.

A actual Câmara Municipal de Nisa, ao homenagear o

À margem da homenagem

Resolveu a Câmara de Nisa, em boa hora e por proposta do seu presidente, promover uma homenagem pública ao ilustre nisense Dr. Jaime de Almeida, no centenário do seu nascimento, que coincidiu com a celebração do Feriado Municipal. Das qualidades do homenageado falam, tanto as referências produzidas no discurso do Dr. Sampaio Soares, como a memória das gerações de nisenses que recordam com simpatia e gratidão esta personalidade singular.

Motivos mais do que suficientes para que esta evocação pública se revestisse da maior dignidade e com a adequada participação popular. A esse nível, ambos os objectivos parecem ter sido alcançados. O mesmo não se passou em relação ao cumprimento do programa, que indicava, primeiro, o descerramento de lápide numa rua da Cevadeira (que, afinal, é das Amoreiras) e só depois a sessão solene na Biblioteca. A organização, resolveu, de *motu próprio* e em cima do acontecimento, alterar a

sequência da homenagem, prejudicando algumas pessoas, entre os quais o repórter deste jornal que, paciente, aguardou até próximo das 19 horas, pela celebração de um acto (o descerramento da lápide) marcado para as 17,45h!!!

Organizar, entre outras coisas, significa, também, respeitar os próprios programas e horários que distribuímos à população. Se não é melhor fazer como diz o "Esteves": todos à molhada e fé em Deus!

MM

Feira de Artesanato de Nisa tem cartaz a concurso

A Câmara de Nisa abriu concurso para a feitura do cartaz da Feira de Artesanato, Gastronomia e Actividades Económicas, a realizar nesta vila de 30 de Julho a 4 de Agosto.

A entrega dos trabalhos concorrentes pode ser feita até 30 de Abril no Sector de Informação da C.M. de Nisa para onde podem ser solicitadas todas as informações relativas ao

concurso. Os prémios são aliciantes, cabendo ao 1º classificado do concurso 200 mil escudos; ao segundo, 60 mil e ao terceiro 40 mil escudos.

Feira dos Enchidos em Alpalhão

Promovida pela Câmara de Nisa e Junta de Freguesia de Alpalhão, realiza-se nesta localidade no próximo dia 24 de Abril (sábado) a Feira dos Enchidos.

A Feira, que ocupará o espaço do mercado municipal de Alpalhão, tem como objectivo - de acordo com os seus promotores - divulgar os produtos tradicionais oriundos do concelho de Nisa, especialmente os enchidos produzidos nesta região e respeitando os métodos

tradicionais.

Métodos que, aliados aos tempêros e ao processo de cura em chaminés alentejanas, conferem aos enchidos uma qualidade superior que os distingue de outros produtos, tendo merecido o reconhecimento devido com a certificação de origem.

A Feira dos Enchidos abre as suas portas às 10 horas da manhã. Antes, a banda da Sociedade Filarmónica Alpalhoense percorrerá as ruas da vila saudando a população.

Para as 13 horas está marcado um almoço regional, aberto a todos os visitantes da Feira e cuja ementa será feita à base de pratos confeccionados com carne de porco.

Às 16 horas tem início o programa de animação com um espectáculo a cargo dos alunos das escolas de Alpalhão, seguindo-se a actuação do grupo Mendes Harmónica Trio. À noite e a concluir esta iniciativa o Duo Carioca, de Póvoa e Meadas, animará um baile popular.

antigo presidente, além de reconhecer publicamente as suas qualidades de carácter, personalidade e doação, não esqueceu a sua acção em prol do desenvolvimento do concelho, em múltiplas acções que não se descrevem para não se alongarem estas desprezíveis palavras.

Sr. presidente, srs. vereadores, como Nisense pelo coração e afinidade, quero manifestar-lhes a minha gratidão por terem proporcionado e terem querido realizar esta justa homenagem.

Actos como estes, realizados com dignidade e simplicidade, são actos meritórios cujas consequências positivas para a comunidade são difíceis de medir em toda a sua extensão.

Ao recordar os versos da poetisa nisense Maria Helena Miguéns Cardoso, dirijo as minhas últimas palavras à família do homenageado:

*" Saudades! Mas que palavra tão triste
Quanto amor existe
Bem dentro do coração
Saudades de alguém que*

nos deixou

*E que nunca mais voltou
Ficámos na solidão!"*

Ao festejarmos o centenário do nascimento do vosso pai e avô, as saudades que viveis vão certamente para além das saudades da poetisa.

Ao participarem nesta homenagem as vossas saudades são, certamente, saudades sem solidão.

Ele foi um pai generoso que tudo vos deu e que esquecendo-se dele próprio, a todos se deu, continuando vivo em vós e... em todos nós.

Dia Mundial da Saúde Comemorado com idosos

O Núcleo de Educação para a Saúde do Centro de Saúde de Nisa promoveu no passado dia 7 de Abril - Dia Mundial da Saúde - um passeio-convívio aberto à participação dos idosos. O passeio tinha como destino o aprazível espaço onde se situa a Ermida de Santo António, próximo de Nisa. Do que foi esta bela jornada de confraternização, as imagens dizem mais que mil palavras.

E vale a pena reter a satisfação do "nosso" Adolfo olhado carinhosamente pelo seu par, ou a ternura que desperta o par dançante constituído por uma jovem

um pouco de afecto, estabelecer o convívio e desfrutar o ambiente natural, tantas vezes quase ao pé de porta e que não sabemos aproveitar, promovendo entre os idosos, neste Ano que lhes é dedicado, o prazer de um dia diferente. Um dia em que as fotos dizem bem do calor humano que os envolveu e lhes foi proporcionado na velha ermida próximo de Nisa, num programa preparado para o efeito e a que se associaram os jovens da Paróquia, com uma peça de teatro em que foram simultaneamente actores e autores do guião. A música não podia faltar e o mestre



de slides e um lanche oferecido pelo Centro de Saúde de Nisa, que igualmente presenteou os idosos com um pequeno arranjo artesanal de flores secas.

Juventude e velhice

Quem se pode alhear desta bela simbiose em que o Centro de Saúde de Nisa se empenhou?



sorridente e um "bonito" homem de 85 anos, o ti Adriano, bem patente nas expressões do jovens que os observam.

Foi um dia bem passado este em que aliando a evocação de um dia Mundial dedicado à saúde, se procurou transmitir

António Maria Charrinho, sempre disponível para estas iniciativas pôs os participantes do passeio a dançarem. Não faltaram as anedotas, momentos inigualáveis de boa disposição e de sorrisos abertos, contribuição para um espírito saudável. A projecção

Mais eventos semelhantes precisam-se, urgentemente! Não vamos esperar pelo próximo Dia Mundial da Saúde. Neste, mais do que noutros, é necessário dizer:

Dias da saúde (mundiais, nacionais ou locais) devem ser todos os dias.

Amieira evoca figuras populares

A evocação de figuras que se distinguiram pelo seu contributo para o bem comum, continua a merecer a atenção das autarquias. Antecedendo a homenagem ao Dr. Jaime de Almeida, em Nisa, também em Amieira do Tejo, a Junta de Freguesia local deu corpo a sugestões apresentadas durante um encontro de amieirenses residentes na Grande Lisboa, em 30 de Janeiro, homenageando, a título póstumo, o médico Dr.

António Donato e D. Belmira Vieira.

A homenagem a estas duas figuras populares que muito contribuíram para o engrandecimento de Amieira, nomeadamente no apoio social e na assistência médica, realizou-se no passado dia 3 de Abril, pelas 11 horas, quando foram descerradas duas lápides assinalando outras tantas artérias de Amieira a que foram dados os nomes das figuras evocadas.

A Estrada do Tejo, passará, doravante, a ser chamada de Rua Dr. António Donato e a antiga Rua do Adro ficará a ser perpetuada com o nome de Rua D. Belmira Vieira.

Duas homenagens sentidas e a que se associaram familiares, amigos e a população de Amieira, recordada, ainda de um tempo recente em que dispunha de médico "ali à porta", a qualquer hora do dia e da noite.

Autarca de Vila Velha em Tribunal

Vitor Carmona vai a julgamento

O presidente da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, Vitor Carmona, vai ser julgado em Julho por alegada violação do dever de neutralidade e imparcialidade ao publicar durante uma campanha eleitoral, um Boletim Municipal com auto-propaganda, segundo apurou a Lusa.

O processo foi movido por uma antiga vereadora socialista, Maria do Carmo Sequeira, actualmente deputada eleita pelo PS, descontente com a forma como Vitor Carmona criticava a conduta dos outros partidos e enaltecia o seu próprio trabalho, enquanto presidente, entre 1994 e 1997, cargo ao qual de recandidatava.

No despacho de pronúncia, o juiz do Tribunal Judicial da Comarca de Castelo Branco refere que o arguido Vitor Carmona publicou no boletim da Câmara a que presidia, em Novembro de 1997, mensagens de ataque político e fez "apelo directo ao voto na sua própria candidatura".

Ao fazer o balanço do mandato, o autarca escrevia em editorial: "apesar do cepticismo e da incredulidade de alguns, mostrámos que é possível executar uma gestão democrática, transparente, eficaz e descentralizada. A nossa linha de acção foi sempre no sentido de melhorar as condições de

vida das nossas gentes de uma forma global e abrangente".

Numa alusão à oposição, afirma ter sido alvo de críticas daqueles que "sobrepondo os interesses partidários ao bem estar das populações tentam boicotar ou inviabilizar projectos essenciais para o desenvolvimento do concelho".

Sobre estas afirmações, o juiz considera que o arguido utilizou o editorial "como meio de luta partidária e meio de propaganda contra partidos opositores".

O despacho de pronúncia conclui que ao mandar distribuir o Boletim Municipal durante o período de campanha eleitoral, o arguido quis promover e favorecer a sua recandidatura ao executivo municipal", violando o dever de neutralidade e de imparcialidade perante as diversas outras candidaturas", facto que viola a lei.

Recorde-se, a propósito, que o conteúdo dos Boletins Municipais foi, recentemente, alvo de uma directiva da Alta Autoridade para a Comunicação Social que lhes atribui o dever de respeitar as regras do pluralismo impostos por lei aos jornais do sector público, sempre que ultrapassem a mera informação oficial aos municípios.

Liga dos Amigos do Centro de Saúde

A importância do voluntariado

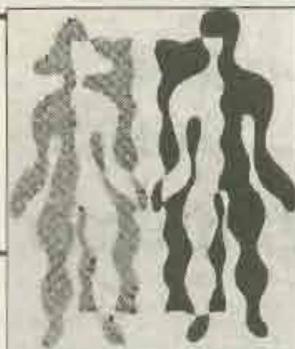
Com a Liga dos Amigos do centro de Saúde de Nisa sopram ventos de mudança que a todos poderão beneficiar. Várias iniciativas que visam acima de tudo o bem estar dos utentes estão em vias de ser implementadas. Como aquela que foto documenta e que respeita ao Serviço de Voluntariado que serve uma pequena refeição, a meio da manhã, na sala de espera das Consultas do centro de saúde.

Uma amostra do muito que pode ser feito se população e profissionais de saúde se derem as mãos. Um caminho que em boa hora começou a ser percorrido e que é já uma

experiência única, pioneira, a nível dos centros de saúde do país.

Humanização e Solidariedade são temas para os quais convém sempre lembrar o lema: TODOS NÃO SOMOS DEMAIS!





INFORMAÇÃO

DO CENTRO DE SAÚDE DE NISA - TEL. 412133

Programa da Comissão Nacional para a Humanização e Qualidade dos Serviços de Saúde - MINISTÉRIO DA SAÚDE (II)

3. Estratégia

Expostos os objectivos, torna-se indispensável traçar a estratégia escolhida inicialmente para os atingir. Ela passa, antes de mais, pela definição dos grupos e categorias que serão os seus alvos preferenciais.

Antes de mais, a Comissão conta com a fundamental cooperação das Comissões de Humanização dos Centros de Saúde e Hospitais. Identificadas estas, estimular-se á a formação daquelas que porventura ainda não tenham sido formadas e com todas se manterá contacto directo, como de resto a lei prevê, num diálogo que transbordará do institucional para o pessoal. Elas serão o grande motor da mudança desejada, graças ao conhecimento das circunstâncias locais, prestígio no meio e credibilidade junto dos profissionais de saúde. Assente, com sua activa colaboração, a doutrina geral, a listagem de temas, as áreas prioritárias e os tipos de actividade, caberá a estas Comissões, verdadeiros agentes da mudança, a implementação das medidas escolhidas, com activo suporte por parte da Comissão nacional. Ou seja, o lema será "pensar geral, agir local".

Outro grupo alvo serão os profissionais de todas as categorias, isto é, não apenas os da saúde propriamente ditos, como os administrativos, auxiliares, etc. Neste aspecto, é intenção da Comissão Nacional estabelecer o indispensável diálogo, de forma descentralizada e intensiva, com o objectivo claro de sensibilizar, incentivar e obter colaboração comprometida. Não podemos esquecer que grupos profissionais aparentemente alheios ao processo de tratar, cuidar e curar, como por exemplo recepcionistas, telefonistas, maqueiros, outro pessoal auxiliar, etc. adquirem especial importância na imagem que a pessoa tem da instituição e marcam significativamente o seu grau de satisfação. Tal é

CENTRO DISTRICTAL HUMANIZAÇÃO



o caso, nomeadamente, dos voluntários, que pela sua presença e acção se devem considerar como importantes agentes de humanização.

Quanto á população em geral, embora seja importantíssima a sua colaboração responsável, a tarefa de alertar, informar, educar e responsabilizar obviamente excede as capacidades humanas, institucionais e materiais da Comissão Nacional. Este papel cabe a toda a sociedade, ao cidadão em geral, aos seus representantes eleitos, ao Governo deles emanado, às associações que os aglutinam. Todavia, a Comissão não se isenta da sua quota-parte de serviço e tentará dar a sua contribuição, através da participação em reuniões e congressos (organizados por si ou por outros), dos contactos com os meios de comunicação social, da elaboração de folhetos e outros meios de informação destinados ao público, etc.

Em todas as suas vertentes, o trabalho da Comissão será claro, estará disponível e acessível, dará prioridade ao trabalho com as Comissões de Humanização das instituições, terá um programa exequível, actualizando permanentemente a doutrina que ao seu trabalho subjaz.

4. Medidas Previstas

As medidas que a Comissão Nacional julga ne-

cessárias e, no início, exequíveis, serão sempre examinadas pelas Comissões de Humanização institucionais, para que desta forma se possam seleccionar aquelas que, localmente, se afiguram como mais importantes, urgentes e exequíveis. Todas elas terão em vista melhorar os seguintes aspectos:

- * Acesso aos serviços e acessibilidade dos serviços
- * Acolhimento
- * Personalização dialogante dos cuidados
- * Acompanhamento da pessoa e continuidade de cuidados

É tendo presentes estes princípios orientadores que devem ser entendidas medidas concretas que se elencam em seguida, sem a preocupação de ser exaustivos e conscientes de que outras, por exemplo, sugeridas pelas Comissões de Humanização, se poderão vir a revelar como igualmente importantes:

- * Sinalização externa e interna das Unidades de Saúde
- * Identificação dos agentes prestadores de serviços
- * Remodelação dos serviços, nomeadamente dos de urgência, no sentido de informação atempada e completa dos doentes e seus familiares ou acompanhantes, de condições ambientais dignas e de acolhimento-acompanhamento personalizado.

* Existência de um espaço de recepção e acolhimento inequivocamente assinalado, aberto e digno, com pessoal habilitado na área das relações humanas

* Existência de áreas de serviço (pelo menos nos Hospitais), tais como instalações sanitárias, postos telefónicos, correios, barbeiro, cabeleireiro, banco, livraria, papelaria, cafetaria

* Elaboração e distribuição de folhetos informativos sobre o Hospital (ou Centro), com informação sumária e actualizada sobre estrutura, funções e deveres do doente.

* Promoção de acções de formação dirigidas a grupos de profissionais (administrativos, auxiliares, enfermagem, médico), com especial relevo para actividades de acolhimento-atendimento telefónico,

diálogo, imagem da instituição, grau de satisfação, comunicação inter-pessoal

* Programas de encurtamento de tempos de espera

* Conforto das salas de espera

* Divulgação de textos importantes para a humanização, tais como as cartas dos direitos e deveres do doente e textos legais relativos ao acompanhamento de crianças e parturientes internadas, etc.

* Apoio a projectos oriundos das Comissões de Humanização institucionais, com co-funcionamento

* Apoio a iniciativas de Ligas de Amigos de Hospitais, Voluntariados e associações congéneres que tenham merecido aprovação da Comissão local e da Comissão Nacional

* Promover a avaliação periódica do grau de satisfação relativo ao serviço de saúde.

Tão vasto número de medidas exige, certamente, cuidadosa selecção, ordenação por prioridades, acompanhamento e avaliação da eficácia, apoio material e logístico, calendarização realista. A sua enunciação não significa, pois, que todas devam ser implementadas ao mesmo tempo e nas mesmas instituições: mais uma vez se terá de obedecer ao lema de um pensamento global, traduzido em acção local, a melhor, adequada e considerada mais urgente. Um plano de actividades, a elaborar anualmente, definirá as acções a executar.

TELEFONES ÚTEIS

Numero nacional de Emergência	112
Centro de Saúde de Nisa (sede)	412133
Bombeiros Voluntários de Nisa	412103
Extensão de Alpalhão	742121
Extensão de Amieira do Tejo	457136
Extensão de Arêz.	748126
Extensão de Montalvão	743373
Extensão de Tolosa	79813
Hospital de Portalegre	330219
Hospital de Elvas	068/622225
Hospital de Évora	066/22133
Hospital de S. José	01/8860131
Hospital de Santa Maria	01/7975171

S. JOÃO BAPTISTA de MONTE CLARO

Uma história com 200 anos?

"Terminou para Isabel o tempo de gravidez e ela deu à luz um filho. No oitavo dia, foram circundar¹ o menino e queriam dar-lhe o nome de seu pai, Zacarias. A mãe, porém, disse: "Não! Ele vai chamar-se João". Os outros disseram: "Não tens nenhum parente com esse nome!" Então fizeram sinais ao pai, perguntando como queria que o menino se chamasse.



Zacarias pediu uma tabuinha e escreveu: "O nome dele é João". E todos ficaram admirados. No mesmo instante, a boca de Zacarias abriu-se, a língua soltou-se e começou a louvar a Deus. Todos os vizinhos ficaram com medo, e a notícia espalhou-se por toda a região montanhosa da Judeia. E todos os que ouviram a notícia ficavam a pensar: "O que irá ser este menino?"²

(...)

"E João percorria toda a região do rio Jordão, pregando um baptismo de conversão para o perdão dos pecados (...). Por isso, João declarou a todos: "Eu baptizo-vos com água. Mas vai chegar Alguém³ mais forte do que eu..."⁴

(...)

"De facto, Herodes tinha mandado prender João e pô-lo a ferros na prisão. Fez isto por causa de Herodiades, com quem tinha casado, apesar de ela ser a mulher do seu irmão Filipe. João dizia a Herodes: "Não te é permitido casar com a mulher do teu irmão". Por isso, Herodiades ficou com raiva de João e queria matá-lo, mas não podia. Com efeito, Herodes temia João, pois sabia que ele era justo e santo, e por isso o protegia. Gostava de ouvi-lo, embora ficasse embaraçado quando o

escutava.

Finalmente chegou o dia oportuno. Era o aniversário de Herodes. Ele ofereceu um banquete aos grandes da corte, aos oficiais e aos cidadãos importantes da Galileia. A filha de Herodiades entrou e dançou, agradando a Herodes e seus convidados. Então o rei disse à jovem: "Pede-me o que quiseres e eu to darei". E jurou: "Juro que te darei qualquer coisa que me pedires, mesmo que seja metade do meu reino". A jovem saiu e perguntou à mãe: "Que vou eu pedir?" A mãe respondeu: "A cabeça de João Baptista". A jovem correu para a sala e pediu ao rei: "Quero que me des agora, num prato, a cabeça de João Baptista". O rei ficou muito triste, mas não pode recusar, pois tinha feito o juramento na frente dos convidados. Imediatamente o rei mandou que um soldado fosse buscar a cabeça de João. O soldado saiu, foi à prisão e cortou a cabeça de João. Depois levou a cabeça num prato, deu-a à jovem, e esta entregou-a à sua mãe. Ao ter conhecimento disto, os discípulos de João foram, levaram o cadáver e sepultaram-no."⁵

Aqui ficou, em passos largos, um pouco da história bíblica de S. João Baptista.

S. João Baptista é o santo padroeiro de Monte Claro. E tem capela.

O santo feito escultura de corpo inteiro lá está no altar-

esta inscrição, foi construída a capela de S. João Baptista, em Monte Claro?

Tudo tem uma história. Qual é a história desta capela e de S. João Baptista na história de Monte Claro? Poder-se-á fazer a história?

Sim! Tentaremos escrevê-la.

Não é tarefa fácil, como se compreende; fazer história requer, entre outros ingredientes, tempo, paciência e documentos. Documentos não são só papéis escritos, mas tudo aquilo que nos possa ajudar a conhecer o passado do homem, a conhecer o homem no devir do tempo. Sem documentos não há história, mas os documentos só por si não fazem a história. A história não se inventa. A história não é um mero exercício de retórica. O que se afirma tem quer provado e documentado. E onde estão as provas, os documentos para fazer a história? Há que procurá-los, há que pesquisar, investigar. E depois os documentos só por si não fazem a história, há que interpretá-los, fazer-lhes perguntas para obter respostas que, por vezes, despoletarão outras perguntas. A história é, e será, sempre parcial, uma parte do que realmente aconteceu; ninguém pode ter a veleidade de vir a conhecer tudo. A história é o conhecimento do passado do homem e só se pode conhecer o que deixou vestígios, marcas, documentos.



mor bordão/cruz na mão direita e o cordeiro à esquerda. E, encimando a porta do templo, está desenhado a preto, em grandes algarismos árabes, uma data - 1799.

São decorridos duzentos anos sobre esta data - 1799. Foi há duzentos que, segundo

E como vai ser escrita a história?

Não pensamos recolher documentos e informações, e só depois de escrito e concluído o texto final dar a conhecê-lo. Seria mais fácil assim, porém iremos escrever, publicar e divulgar a história



paulatinamente de acordo com as possibilidades e com os documentos e informações que iremos recolhendo e que daremos a conhecer segundo as características destes e os meios postos ao nosso dispor. Irá sendo escrita, publicada e divulgada, a pouco e pouco, com avanços e recuos, com alegrias e frustrações, com dúvidas e com certezas, certezas que algumas vezes se transformarão em dúvidas e quiçá em *inverdades*. É tarefa arriscada escrever, publicar e divulgar história nestes moldes; assumimo-la. E vamos começar, começar um diálogo entre o presente e o passado, conhecer o passado para compreender o presente! Aqui deixamos algumas interrogações.

A actual capela foi

construída em 1799?

A capela já existia em data anterior a 1799?

A data de 1799 corresponde a data de reconstrução/ampliação?

S. João Baptista de Monte Claro tem mais de 200 anos?

Qual é a história desta capela e de S. João Baptista na história de Monte Claro?

Aqui deixamos perguntas, agora temos que ir à procura das respostas, temos que ir à procura de documentos para essas respostas.

Aqui estaremos, conforme as possibilidades, a fazer perguntas, a levantar hipóteses, a dar respostas, a escrever, a publicar e a divulgar a história da capela de S. João Baptista e do povo de Monte Claro.

José Dinis Murta
10 de Abril de 1999

FARMÁCIAS DE SERVIÇO



- * 10 a 16 Abril 99 - Ferreira Pinto
- * 17 a 23 Abril 99 - Martins Barata
- * 24 a 30 Abril 99 - Ferreira Pinto

FARMÁCIAS

- Ferreira Pinto (Nisa) - Farmácia Elvas (Alpalhão)
- Largo Dr. António Granja, Largo da Devesa, 42 - Tel. 724125
- Martins Barata (Nisa) - Farmácia Moderna (Tolosa)
- Largo 5 de Outubro, 8A - R. Prof. M. da Trindade - Tel. 798239
- Tel. 410030

Miguel Torga e a Liberdade

A hora é de júbilo e larga
comunhão à mesa eucarística da
liberdade, que, após tanta manhã
de nevoeiro, chegou até nós
depois de activamente a termos
merecido quase a vida inteira. (...)

Por todo o país se discrimi-
nam e agrupam afinidades e
forças, no abnegado propósito de
dar à pátria instituições que a
prestigiem aos olhos dos seus e
do mundo. (...)

Cada nação tem um rosto
inconfundível. A nossa, feliz-
mente, não foge à regra, e é pre-
cisamente ao povo que pertence
a glória de, contra tudo e contra
todos, lhe ter mantido intactos
através dos tempos os traços
significativos. Teria perdido
qualquer ressonância em nós a
obra de Fernão Lopes, de Gil
Vicente e de Camões, se eles não
fossem os arautos inspirados
dessa rude autenticidade que
resistiu tenaz e triunfantemente
à secular acção corrosiva de
senhores, inquisidores e merca-
dores. O transmontano ou beirão

que ainda há pouco, a salto,
atravessava a fronteira e se
perdia, de língua perra, na babel
da Europa, à procura de tudo o
que lhe falta aqui, é o mesmo
"Veloso amigo"⁽¹⁾ que, em
quinhentos embarcava numa nau
Catrineta qualquer e, depois de
atravessar as brumas do mar
tormentoso se aventurava nas
sanzalas africanas e nos bazares
orientais a fazer-se compreender
por gestos e momices. Não será,
pois, com sistemas e métodos
alheios, por apressada conformi-
dade mimética, que poderemos
realizar o milagre de perman-
ecermos simultaneamente de bem
com o nosso semblante consti-
tutivo e lançados na senda pro-
gressiva da democracia. Só o con-
seguiremos mediante soluções
originais, específicas, em que
estejam empenhados o nosso
temperamento, a nossa tradição
municipalista, a nossa cultura, e
seja devidamente considerado e
aproveitado o nosso condicio-
nalismo geográfico e étnico.

Teremos, numa palavra, de fazer
um grande esforço de renovação
pensada e ousada, à nossa me-
dida. A experiência dos outros
articulada na nossa experiência
atávica, as reformas mais radicais
sempre circunstanciadas no
tempo real e no espaço real da
nossa convivência, que são, na sua
naturalidade, lugar propício e a
ocasião prática do bom senso
comum. Um futuro construído
com o pulso humano da técnica
local ou importada, a argamassa
coesa da boa vontade, a instigação
latente da memória primordial e
o sopro autónomo da imaginação.

E todos em frente, ao serviço
desse povo verdadeiro que
queremos servir. Todos unidos na
mesma decisão firme de o honrar
em todas as circunstâncias e de
nunca lhe jurar o santo nome em
vão!

(1) Personagem criada por
Camões em "Os Lusíadas"
Miguel Torga (Do discurso
proferido em Coimbra em 1/6/
1974)

25
Abril
1974

Uma data - Um poema

Portugal, cravo vermelho

Em vinte e cinco de Abril,
em Portugal, de repente,
no ermo da madrugada,
floriram cravos vermelhos.

Já quarenta e oito anos
de treva nos tinha cegos,
quando da treva rasgada,
floriram cravos vermelhos.

Como a manhã que tardava,
Estava a longa noite finda,
no rumor de asas de pombas,
floriram cravos vermelhos.

Desde os peitos dos soldados
aos peitos dos marinheiros,
nas próprias metralhadoras,
floriram cravos vermelhos.

Mal rompeu o dia novo,
logo por ruas e praças,
das cidades às aldeias,
floriram cravos vermelhos.

(...)

Armindo Rodrigues



Memórias Repressivas do Regime

UM DOCUMENTO

Governo Civil do Distrito de Portalegre
Portalegre, 12 de Dezembro de 1936
Senhor Ministro do Interior
Lisboa

Excelência

Pela Comissão Concelhia da União Nacional do Concelho de Niza, foi-me comunicado que na Freguesia de Toloza, daquele concelho, se vêm passando alguns factos de gravidade, e, entre os quais, os seguintes:

a) Nas tabernas e em todos os locais julgados apropriados, realizam-se verdadeiras sessões de propaganda subversiva, e incita-se o Povo a fazer a divisão da propriedade;

b) No sentido de se conseguir essa divisão, muitas pessoas do Povo, com mulheres à frente desfraldando bandeiras, vermelhas, têm destruído as linhas dos concelhos ou arrancando os marcos das mesmas;

c) Chegaram mesmo a dividir os terrenos em glebas, semeando-as de feijoaria, que recolheram, e a tal ponto levaram esse abuso, que os respectivos proprietários tiveram de recorrer ao Ministério do Interior, que por intermédio da Guarda Nacional Republicana, mandou desapossar os detentores das ditas glebas;

d) Apedrejaram-se pessoas de responsabilidade, e fazem-se tentativas de fazer rebentar bombas nas casas de alguns dos mesmos proprietários;

e) Vários indivíduos, como eles próprios têm confessado têm tido bombas em seu poder;

f) Faz-se a peito a afirmação pública de que há cerca de cinquenta comunistas em Toloza; e

g) Incita-se o Povo a matar, fazendo-se ao mesmo promessas de impunidade.

Como a averiguação destes factos muito interessa à ordem social, pedi já ao Exmo Director da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado que se dignasse mandar a Toloza, com urgência, um ou mais Agentes da Polícia que superiormente dirige, e, agora, tenho a honra de rogar a V. Exa. que se digne de interferir no sentido de não fazer demorar o deferimento daquele meu pedido.

A Bem da Nação
O Governador Civil,
Domingos Calado Branco

in "A repressão política e social no regime fascista"
Comissão do Livro Negro sobre o Fascismo

Uma data luminosa de
liberdade e esperança! Um dia
que amanheceu cantando:

"O povo é quem mais
ordena..."

E do negrume, asfixiante e
tormentoso, que havia durado 48
anos, surgiu o alvorecer de um
novo mundo, a voz da vida
renovada e prometedora de todas
as alegrias.

Primeiro foram apenas vultos.
Moviam-se cautelosamente no
lusco-fusco ainda denso da
madrugada: eram soldados,
jovens, silenciosos, mas decididos
no cumprimento da sua missão.
E a rádio insistia no canto, lento,
mas nítido: "O povo é quem mais
ordena..."

Depois apareceu gente de
todos os lados, correram notícias,
abriram-se janelas, o sol rompeu
a neblina matinal, as vozes
altaram-se, ressoaram risos e,
sem se saber como, a cidade
apareceu florida — toda a gente
trazia cravos vermelhos, que
distribuiu pelos soldados e por
quem ia encontrando,

Era a revolução. Era a
liberdade!

O fascismo fora derrubado. E
de então para cá, já lá vai um ano,
a revolução continua, a revolução
continuará até à vitória final do
povo português.

Portugal renasce de si
próprio.

À grandeza de outras eras,
com descobertas e conquistas a
espantar o mundo; à decadência
da monarquia; ao período
republicano sempre agitado e por
vezes heróico; à infiltração lenta
mas persistente, implacável e
desumana do fascismo; no
prosseguimento de uma política
que nos levou ao colonialismo e
à catástrofe da guerra colonial;
depois de tanto sofrimento,
tortura, miséria e morte —
chegou finalmente o tempo da
redenção!

25 de Abril! Aqui estamos
todos, os portugueses de boa fé,
dispostos a dar a vida pelo teu
ressurgimento, Portugal querido!

Que haja pão, trabalho e
instrução para todos; que as

crianças ignorem o abandono; que
desapareça da terra portuguesa
toda a forma de exploração; que
a juventude possa desenvolver-se
e formar o seu carácter num
ambiente sadio, de confiança em
si própria e nos outros; que a
mulher e o homem sejam
verdadeiramente companheiros
em todos os planos da vida, sem
diferença de direitos, integrados
nos mesmos problemas, num
ambiente de autêntico respeito
mútuo. (...)

A luta vai ser dura em todos
os campos e em nós próprios —
mas a luta é o grande estímulo da
vida — uma vida construtiva,
uma luta-amor de todas as horas
— e só ela levará Portugal e o
mundo inteiro à conquista
definitiva da liberdade, em plena
prosperidade e paz.

No pórtico desse Portugal
novó que queremos construir
refulgará para sempre a data de
25 de Abril.

Maria Lamas - 25 de Abril
de 1975



Visado pela Censura

Três textos de Norberto Lopes

Norberto Lopes, um dos grandes jornalistas portugueses, publicou em 1975, um livro "Visado pela Censura" no qual procura "ajudar a compreender os últimos quarenta e oito anos da vida portuguesa", anos acompanhados de perto pelo autor, no exercício de uma profissão que desde muito novo o atraiu e à qual se entregou totalmente.

25 anos passados sobre o 25 de Abril, transcrevemos três textos desta obra com a mesma esperança, formulada pelo autor, de contribuímos para a explicação e a compreensão de uma data e de um tempo em que as liberdades foram cercadas.

Movimento libertador

Se considerarmos que o País era governado por uma camarilha que, em relação ao governo de Marcelo Caetano, se podia considerar um conselho de família constituído por parentes e compadres; que os governantes viviam na doce ilusão de que a opinião pública estava com eles e reprimiam com a maior severidade (e dessa repressão a famigerada PIDE deixou memória execrável, que não se apagará tão cedo da lembrança das gentes) qualquer veleidade de revolta que se esboçasse no País; que o povo português fora privado das liberdades fundamentais e se tomavam em seu nome, sem o consultar, decisões que podiam comprometer a própria sobrevivência nacional, temos de reconhecer que o 25 de Abril foi um movimento libertador que restituiu ao povo português a consciência da sua força e lhe conferiu a independência a que a sua maturidade política lhe dava direito e lhe era negada sob o falso pretexto de que não estava ainda preparado para assumir as responsabilidades de um regime democrático, ao mesmo tempo que os seus opressores faziam tudo para lhe reduzir ainda mais essa pretensa impropriedade.

Eles chegaram a acreditar (ou fingiram que acreditavam?) que a esmagadora maioria da população apoiava o regime, que as consultas

periódicas que faziam ao eleitorado, falseadas por uma lei eleitoral defeituosa, por um recenseamento faccioso e por uma fraude descarada, correspondiam a um plebiscito favorável à política seguida pelo governo. Todos sabiam, porém, e eles melhor do que ninguém, porque preparavam, conscientemente, a farsa eleitoral e nunca acreditaram nas virtudes da democracia, que o País estava cansado da opressão e ansiava pelo restabelecimento das liberdades cívicas que lhe foram escamoteadas durante um longo período de obscurantismo e silêncio.

Ninguém ignorava que as manifestações "espontâneas" de apoio à política do regime e aos princípios que nos governavam eram metódicas.

organizadas, na província pelas autoridades locais, e em Lisboa pelos dirigentes corporativos (o almirante Henrique Tenreiro especializou-se nesse género de encenação espectacular), sendo custeadas pelo erário público, que pagava todas as despesas de deslocação dos manifestantes. (...)

(17 - V - 1974)

A agonia da ditadura

A agonia da ditadura já vinha de longe. Pode dizer-se que começou com a morte civil de Salazar, mau grado as promessas de "primavera" política com que Marcelo Caetano enganou o País, em

que muitos chegaram a acreditar, e que não tardaram a diluir-se como fumo, numa atmosfera cada vez mais poluída. Em 16 de março, uma sublevação militar que eclodiu nas Caldas da Rainha e veio morrer às portas de Lisboa, foi o primeiro sintoma do descontentamento que lavrava no Exército e da oposição declarada à guerra colonial, que ia criando vulto entre os militares. Depois da "revolta dos capitães", que se inseria ainda numa rede mais vasta de comprometimentos, ninguém duvidou que estava para breve um movimento militar de mais larga envergadura e

de mais profundas consequências. O próprio governo não teve ilusões a tal respeito e tentou afastar o perigo substituindo alguns comandos e provocando uma manifestação de apoio por parte de generais e outras altas patentes das Forças Armadas, sem qualquer significado real, o que não impediu o deflagrar da revolução, que veio a verificar-se em 25 de Abril.

As hesitações de Marcelo Caetano, que ora procurava captar as simpatias das direitas, ora dava a impressão de que ia ao encontro das aspirações das esquerdas, conduziram a uma situação insustentável que levou à

queda de um regime semi-centenário em que muitos dos seus adeptos já não acreditavam e em cujas virtudes e benefícios já tinham perdido as esperanças. (...)

No plano interno, andavam no ar rumores de venalidade e corrupção que atingiam até figuras cimeiras do regime, incluindo ministros, banqueiros e homens de negócios. No plano externo, o isolamento do País acentuava-se dia a dia e já nem mesmo podíamos contar com a solidariedade da Espanha, onde alguns jornais começavam a hostilizar-nos sem a menor contemplação, nem com o apoio do Brasil, cuja política africana não coincidia em muitos aspectos com a nossa.

apesar de quanto se escreveu e ficou estabelecido em acordos e tratados da precária validade.

A guerra de África não deixava prever uma solução satisfatória, quer a breve, quer a longo prazo. A publicação do livro "Portugal e o Futuro", foi o rastilho que pegou fogo ao descontentamento que se acentuava no seio das Forças Armadas e criou o clima favorável ao deflagrar dos acontecimentos. Não se pode deixar de reconhecer que a conjuntura foi modeladamente organizada, previstas todas as hipóteses, aproveitados todos

os meios, despertadas todas as energias adormecidas ou anestesiadas de um povo que há longos anos ansiava por este dia. (...)

(24 - V - 1974)

A informação

Portugal era um país onde não acontecia nada. De um dia para outro passou a acontecer tudo, as coisas mais inesperadas e mais surpreendentes. Os correspondentes estrangeiros queixavam-se de que Lisboa era o posto mais ingrato para o cabal desempenho da sua missão. A falta de acesso à informação impedia-os de enviarem, periodicamente, aos seus jornais as crónicas que os directores exigiam e eles próprios se sentiam na obrigação de escrever para justificar o dinheiro que auferiam.

Por outro lado, os jornais portugueses não dispunham de uma informação capaz e a pouca que chegava às redacções era filtrada pela Secretaria de Estado, revestia-se de carácter unilateral e mostrava-se quase sempre tendenciosa.

Vivíamos num regime de informação dirigida.

Só se publicavam as notícias que convinham ao governo e as outras eram distorcidas ao sabor das conveniências políticas. Acontecia muitas vezes que tínhamos conhecimento de sucessos ocorridos em Portugal e de decisões tomadas, dentro e fora do país, que nos diziam respeito, por intermédio de jornais estrangeiros. Pela simples razão de que os nossos governantes se recusavam, sistematicamente, a informar e a esclarecer o público sobre determinados assuntos que não condiziam com os seus pontos de vista. (...)

A censura reduzira a informação a um boletim passado a papel químico e distribuído por todos os jornais que se contentavam com a uecharia. (...)

21 - VI - 74

Continua na pág. seguinte



O 25 de Abril na Imprensa estrangeira

O "Movimento de Oficiais" de Portugal como força revolucionária

O capitão que no dia 25 de Abril ocupou o Largo do Carmo, em Lisboa, e sitiou, com tanques da Escola Prática de Cavalaria de Santarém, o quartel da Guarda Nacional Republicana, onde o presidente do Conselho, Caetano, se tinha refugiado, capitão Maia, concedeu uma entrevista pormenorizada ao jornalista Adelino Gomes, que tinha sido seu companheiro de classe no liceu de Leiria, na qual descreve as suas experiências antes e durante a revolução. Esta entrevista, do capitão de 29 anos, é um dos poucos documentos completos que vieram a público sobre o "movimento de oficiais" que fez a revolução em Portugal e que parece continuar a dirigi-la nos bastidores. O "movimento de oficiais", depois da revolução continuou grandemente anónimo.

Maia foi um importante executor, mas, segundo parece, não foi nenhuma das figuras dirigentes do movimento. A Escola Prática de Cavalaria de Santarém era de grande importância militar porque, como Maia revelou, dispunha praticamente "dos únicos tanques em Portugal e também dos únicos soldados que os sabiam conduzir". Os restantes tanques deviam encontrar-se quase todos em África. Isto significava que a partir do momento em que os tanques se encontravam do lado dos rebeldes a cartada dos insurrectos já estava praticamente ganha de antemão. Quem iria combater com armas ligeiras contra tanques?

in "Neue Zürcher Zeitung" (Zurique) - 15 de Junho de 1974

A explosão portuguesa

Como criança após o seu primeiro copo de vinho, os Portugueses estão ébrios. Ébrios de palavras e de gestos recentemente descobertos. Ébrios de uma liberdade que aprendem com a falta de jeito dos cegos que milagrosamente começaram a ver: "Vivíamos há quarenta e oito anos na noite ditatorial". Também, para eles, a bebida conta hoje menos que a ebridade. Pelo menos neste momento...

Uma semana após o golpe de Estado, Lisboa sacia-se de cortejos, de discursos, de canções. Os seus habitantes cobrem as estátuas, os corpetes, as lapelas e as metralhadoras dos soldados com flores vermelhas. Os antigos informadores da polícia política são perseguidos como ratos. Os fuzileiros navais acompanham, infatigáveis, as manifestações de rua. E, por toda a parte, se ouve, lengalenga ingénua e, ao mesmo tempo, ameaçadora, este "slogan" que crianças, civis e militares gritam em uníssono: "O povo unido jamais será vencido". Potemkine nas margens do tejo.

Aliás, o filme é projectado numa sala da cidade. Com certeza, nem os manifestantes nem os marinheiros o viram.

Mas a gente política portuguesa conhece o significado do símbolo. Mário Soares, secretário-geral do Partido Socialista, deixa-se levar pela ilusão lírica de uma grande confraternização da qual a esquerda moderada saísse vitoriosa. Álvaro Cunhal, que dirige o Partido Comunista, avalia severamente as ambiguidades da situação. E o pequeno grupo de oficiais que, em 25 de Abril, derrubaram o regime salazarista mostra-se menos apressado que o previsto em entregar aos cidadãos a gestão dos assuntos políticos.

"Continuamos vigilantes — diz um major implacável e esguio como um frade pregador do tempo de S. Domingos. — Daremos, certamente, o poder político aos civis. Contudo, analisaremos constantemente o seu modo de exercê-lo. Pois queremos continuar como árbitros." Pesada ameaça que aumenta ainda mais a confusão da situação portuguesa".

in "L'Express" - 6-12 Maio de 1974



Um cavalheiresco golpe de Estado em Portugal

Os Portugueses sempre tiveram uma maneira muito sua de fazerem as coisas. Mesmo aquele sangrento espectáculo ibérico, a tourada, adquire em Portugal uma característica especial, cavalheiresca, pois o touro nunca é morto. Na semana passada, um grupo estreitamente coordenado de oficiais do Exército aplicou essa tradição civilizada a um acto muitas vezes violento - um golpe militar. Mal se disparou um tiro, e apenas um punhado de vidas se perderam quando os rebeldes atacaram e - em treze horas - arrebataram o "controle" do país das mãos do regime caduco e ultraconservador que manteve Portugal num sistema feudal. No entanto, embora tenha sido calmo e rápido, o golpe assinalou uma nova era na história. (...)

in Newsweek - 6 de Maio de 1974

Portugal: Uma revolução asseada

O colapso do Portugal fascista foi súbito e paradoxal. Passados quarenta e seis anos de um regime autoritário, de golpes abortados e de gestos quixotescos de oposição, um golpe meticulosamente preparado por jovens oficiais depôs o velho regime em menos de doze horas. Em Lisboa e no Porto, centenas de milhares de pessoas saíram para as ruas a saudar como libertadores os militares. Para presidir a uma Junta de Salvação Nacional, os capitães convidaram o general António de Spínola. (...)

in "The New York Review of Books" - 13 Junho de 1974

Um livro, uma canção e depois uma revolução

"O futuro de Portugal depende de uma adequada resolução da guerra em que estamos metidos (...) não é a unidade nacional que está em causa, mas sim a unidade imperial, e a consciência actual não aceita impérios."
General António de Spínola (in "Portugal e o futuro").

Estas vibrantes palavras, contidas no texto de um livro profundo de 243 páginas que saiu há menos de três meses, soaram, na semana passada, do coração de uma revolução em Portugal. Convencido de que as intermináveis guerras africanas em defesa do último império europeu se tinham tornado um fardo insuportável, uma junta militar derrubou o regime ultraconservador do primeiro-ministro, Marcelo Caetano, e enviou-o para o exílio. Como novo dirigente de Portugal, os oficiais escolheram António de Spínola, de 64 anos, o decidido soldado-herói de monóculo cujo livro veio a ser o dobre a finados de um trágico fracasso nacional. Pelo menos de momento, o autor de "Portugal e o Futuro" é a chave do futuro de Portugal.

O golpe, bem planeado e quase sem derramamento de sangue, realizou-se em menos de um dia. Enquanto os tanques ressoavam através das ruas estreitas e empedradas da zona antiga de Lisboa e tomavam posições em redor dos principais edifícios governamentais, Caetano e os seus ministros procuravam desesperadamente a protecção da paramilitar Guarda Republicana. Mas, após os rebeldes terem disparado breves rajadas de fogo automático sobre o seu refúgio do quartel do Carmo, na Baixa, o primeiro-ministro compreendeu que a sua hora tinha chegado. Resignadamente disse a Spínola, a quem destituíra dois meses antes do cargo de vice-chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas: "Estou em posição de lhe entregar o Poder, para que este não caia na rua".

in "Time" - 6 de Maio de 1974

AGENDA

Sob o símbolo dos cravos

Em Abril, a 25, comemoram-se 25 anos da "Revolução dos Cravos". A Agenda Cultural do mês reflecte, pois, esta data libertadora.

Aponte na sua "Agenda" o calendário das comemorações.

Cinema

O destaque vai para "A vida é bela", de Roberto Benigni. É nos dias 24 e 25. Confirme, no entanto. O filme tem sido muito requisitado e pode haver - e não seria a primeira vez - alteração nas datas de exibição.

Exposições

Muitas e para todos os gostos. A partir do dia 20, na Biblioteca serão expostos trabalhos dos alunos das escolas do concelho, tendo como tema "25 anos do 25 de Abril". Os alunos da Etapront - curso de Informática/Gestão - apresentam um Slide-Show com os antecedentes da Revolução e uma base de dados com referências a personalidades em destaque. Outro curso - o de Técnico de Construção Civil - elaborou um folheto onde se descrevem e documentam com fotogramas os acontecimentos de Abril de 1974. Ambas as propostas podem ser apreciadas a partir do dia 23 na Biblioteca Municipal.



Comemorações do 25 de Abril em Nisa

No âmbito das comemorações dos 25 anos do 25 de Abril, a Câmara Municipal de Nisa promove um variado conjunto de iniciativas para assinalar data. Diversidade e abrangência foi o mote dado à programação capaz de agradar a todos os gostos e sensibilidades.

A parte as exposições, a participação das Escolas do concelho e da própria Biblioteca Municipal que no capítulo da animação da leitura subordinou as celebrações do Dia Mundial do Livro à temática da Liberdade, o programa das comemorações do 25 de Abril inicia-se às 24 horas do dia 24, com uma estrondosa salva de morteiros e de fogo de artifício em todas as freguesias do concelho.

Às 9 horas da manhã junto à Biblioteca Municipal tem lugar a concentração de atletas participantes na Estafeta da Liberdade, a realizar entre Nisa e Castelo de Vide, onde será prestada homenagem ao capitão Salgueiro Maia junto ao monumento em sua memória.

Às 9,30h na Praça do Município será o içar da bandeira no edifício sede da Câmara. Após cerimónia, a Banda de Música da Sociedade Musical Nisense conduzirá o cortejo à Praça da República onde terá lugar a partida da Estafeta.

Às 16 horas terá início o programa de animação, no Rossio, com actuações do Rancho "Saias Bordadas" da Falagueira, da Banda da Sociedade Musical Nisense e para encerrar as festividades, o grupo de rock "Full Range".

A noite e se não falhar programação há ainda a oportunidade de assistir a um dos filmes laureados com os "Óscares": "A vida é bela", de Roberto Benigni. Um belo filme e um hino à liberdade.

Abrem-se "Páginas da Liberdade" na Biblioteca...

A exemplo do que acontece todos os anos, as iniciativas programadas pela Biblioteca Municipal de Nisa dão um cunho especial às comemorações do Dia da Liberdade. A 23 de Abril diversas actividades evocam o Dia Mundial do Livro. Às 10 horas, terá lugar a apresentação de trabalhos realizados pelos alunos das Escolas do Ensino Básico de Nisa e às 14 horas será feito o lançamento da publicação "25 de Abril - O Renascer da Esperança". Pelas 16 horas os alunos da Escola Prof. Mendes dos Remédios darão início ao debate subordinado à temática "Liberdade de Expressão na Escola".

À noite, pelas 21,30h o Comandante Nemésio realizará uma conferência sobre o 25 de Abril.

... E renasce a esperança

Hans Christian Andersen é o escritor do mês na Biblioteca. Uma escolha feliz atendendo ao seu contributo, através da escrita para a construção da liberdade, pelo sonho, pela fantasia, pelas suas histórias onde o maravilhoso e o fantástico se cruzam de forma harmoniosa. Deste mundo feito esperança e para explicar a esperança contida numa data - o 25 de Abril - nasceu um livro em banda desenhada da autoria de Manuel de Sousa e Ernesto Neves. Os autores realizaram inquéritos à população escolar compreendida entre os 8 e os 16 anos e lançaram-se na elaboração de um livro que explicasse às camadas jovens que o 25 de Abril não se resume a uma ponte. Surge assim "25 de Abril - O Renascer da Esperança, visando dar a conhecer o contexto e os antecedentes da Revolução, com referências à Implantação da República, ao Estado Novo (com todos os seus mecanismos repressivos), Guerra Colonial, 25 de Abril e Primeiras Eleições Livres, num relapso da história portuguesa entre 1910 e 1976.



Cantinho do Emigrante

Por António Conicha

Notícias de Azay

A mudança de hora em nada alterou o bom desenvolvimento da "Feira dos Vinhos de Azay-le-Rideau que se realizou nos dias 27 e 28 de Março.

Este ano com um mês de atraso, para se fugir às previsões meteorológicas que apontavam mau tempo, a exemplo das anteriores feiras. A 51ª edição da tradicional Feira dos Vinhos decorreu num ambiente que já nos é familiar, muito embora este ano o sol, radioso, ajudasse bastante na deslocação de milhares de forasteiros que aqui se apresentaram para apreciar as diversas qualidades vinícolas desta região. O vinho branco e o rosé, destacavam-se nos stands de mais de duas dezenas de produtores.

A feira foi inaugurada pelo presidente da Câmara local, Mr. Michi e pelo governador civil de Chinon, Mr. Gheroldi que se mostrou impressionado pela fineza e elegância dos vinhos "Ridellois", prevendo a breve prazo a abertura comercial e exportação destes produtos. Estes argumentos contribuíram, sem dúvida, para o relançamento da Região Demarcada dos vinhos Touraine - Azay-le-Rideau e é propósito das entidades a criação de uma reserva local, em que os produtores de vinhos irão receber ajudas para equipamentos e modernização dos sistemas produtivos, elogiando assim esta iniciativa da Câmara local e todos aqueles que contribuíram para a sua realização.

Desilusão

A notícia do adiamento da viagem a França da equipa de futebol das "Velhas Glórias" do Sport Nisa e Benfica, deixou a comunidade nisense indignada, particularmente aqueles que esperavam e planeavam a sua chegada. Na realidade foi a decepção total, tanto para os jogadores como para os

organizadores deste Torneio, culpando assim a Câmara por não ter cedido o autocarro.

Será que na verdade esta vinda a França não se tratava de verdadeiras "trocas culturais"? ou terá sido por a vila organizadora não fazer parte do "Comité de Geminação"? Se assim for também há muita coisa que está mal, pois ir a Fátima com os "velhinhos" ou à praia com as crianças também não são "trocas culturais" e, por esta razão os direitos seriam os mesmos. Claro que quem manda, manda... e talvez o senhor presidente tenha razão, porque gratuitamente há muita gente a querer vir...

Só é pena, porque esta viagem poderia ser o começo de mais uma união entre povos e municípios, pois ainda temos na memória a breve passagem por Joué-les-Tours, cidade geminada com Vila da Feira, com quem Nisa mantém boas relações de amizade, fazendo parte do "Livro de Honra" daquele município.

São as pequenas coisas que fazem avançar os grandes projectos e se não for assim tudo fica na mesma, triste e moribunda. quem é que não gosta de estar longe, num país estrangeiro e ouvir falar bem da sua terra natal? Todos nós gostamos e é o que tem acontecido quando os franceses falam de Nisa e dos Nisenses, aí é que nós sentimos a emoção e as saudades da terra que nos viu nascer.

Para que não me chamem mais o embaixador nisense em terras de França, só queria aqui elogiar todos aqueles que têm contribuído no desenvolvimento da nossa cultura no estrangeiro: a nível de geminação, música, folclore, artesanato, pintura, gastronomia, etc., sublinhando ao mesmo tempo, que não posso sentir mais honra na vida do que aquela de ser um verdadeiro nisense.

CINE TEATRO DE NISA (TELF. 429260)

VÁ AO CINEMA

17 e 18 Abril às 21.30h
O Grande Joe Young

22 Abril- 4ª Feira - às 21.30h
A guerra do ópio

24 e 25 Abril - às 21.30h
A Vida é Bela

De Roberto Benigni
-Grande vencedor dos Óscares de Hollywood
A NÃO PERDER!

Fechado para balanço VI

Vamos continuar o *fechado para balanço* iniciado em 3 de Fevereiro do corrente ano, neste *quinzenário*.

Saldo transportado -----

-Relatório de actividades e conta de gerência de 1996. Deve ou Haver? Onde é que se deve incluir o *Relatório de actividades e a conta de gerência de 1996*? No *Deve* ou no *Haver*? Em reunião de Câmara, o *Relatório de actividades e a conta de gerência de 1996* não foram aprovados. Como não foram aprovados em reunião de Câmara não puderam ser sujeitos a deliberação na reunião da Assembleia Municipal. A lei exige a aprovação prévia na Câmara.

deliberação camarária para a melhoria da *Rua Dr. Sidónio Pais*, vulgarmente conhecida por *Devesa de Trás*? No *Deve* ou no *Haver*? A Câmara deliberou a melhoria, mas não se cumpre. O que andaram os vereadores lá a fazer, se deliberaram e não se cumpriram nem cumprir? Na rua há de tudo, automóveis velhos e novos, tractores, pneus, baterias, escapes, ferros, manilhas, tijolos, ervas, lama, cardos, lixo, pó, óleos e até já pastam ovelhas e animais de cabresto; seria mal empregado não aproveitar a crava! Já lhe chamaram *Rainha*, porém da *Sucata*. Lembram-se que ali há indivíduos que têm os mesmos deveres dos outros, mas esquecem-se que ali



Rua Dr. Sidónio Pais (Devesa de Trás) - 1998

Ainda hoje estão por aprovar. Valerá a pena haver a preocupação de aprovar ou não aprovar, se tudo vai dar ao mesmo? Como é que se compreende isto à luz das leis? Será caso insólito? Valerá a pena andar a ler a documentação para depois em consciência votar se depois *aprovado*, ou *não aprovado*, vem a dar o mesmo? Isto não será o descrédito da democracia? Valerá a pena andar a fazer contas? Isto não será o descrédito da contabilidade? E durante o mês de Abril a Assembleia Municipal reúne para *aprovar* ou *não aprovar* o *Relatório de actividades e a conta de gerência*, mas para quê? *Deve* ou *Haver*?

(Como facilmente se compreende as deliberações dos vereadores nunca tinham valor a não ser que fossem úteis para a crítica negativa.)

-Melhoria da Rua Dr. Sidónio Pais. Deve ou Haver? Onde é que se deve incluir o não cumprimento da

vivem pessoas e cidadãos que também têm os mesmos direitos dos outros. E uma sinalética (é bonito empregar esta palavra) informa que para ali é o *centro histórico*, que por ser histórico é alvo de grandes preocupações. E lá mais ao fundo a estrutura metálica deve aguardar os cartazes p'ró Parlamento Europeu, p'rás Legislativas deste ano e certamente p'rás Autárquicas de 2001. Já faz parte do mobiliário urbano? Tudo isto já faz parte do quotidiano? E por ali se entra, vindo da apregoada Cedillo e Espanha, p'ró turismo. *Deve* ou *Haver*?

(Como facilmente se compreende as deliberações com base em propostas dos vereadores nunca tinham valor a não ser que fossem boas para a propaganda.)

Continua
Saldo a transportar -----

José Dinis Murta
11 de Abril de 1999

O Leitor dá cartas

Solicito a publicação, em o *Jornal de Nisa* quinzenário do qual Vº Exº é mui digno Director, na secção/rubrica *O Leitor dá Cartas*, do seguinte carta/texto:

No dia 31 de Março do ano em curso fui mais uma vez propositadamente a Nisa, à Câmara, à Tesouraria, pois através de mais uma carta registada informava-se que "... está a pagamento a importância ... na Tesouraria desta Câmara (a entrega do valor em causa implica em simultâneo a assinatura de V. Exº na ordem de pagamento, por o respectivo boletim não ter recibo) ...". Incrível, um assunto que se arrastava há quase dois anos. E depois assinatura em simultâneo à entrega do cheque. Estive onze meses para receber resposta a uma carta, que já pedira por requerimento e nada e depois ... e quando obtive a resposta já não precisava dela devido ao imperdoável atraso. Lamentável. O leitor não imagina o que ali se passa, mas já poderá fazer uma ideia do que foi um mandato com todas estas ocorrências. Quão difícil é trabalhar assim! Dará gosto aos funcionários trabalharem assim? Eu não acredito que eles se sintam satisfeitos! Não acredito que eles não se sintam violentados, por não poderem fazer o que facilmente se faria, mas terão que fazer a vontade a quem

manda, ainda que mal.

Se me disserem que isto acontece com todos, então direi que a Câmara funciona mal.

Se me disserem que estas coisas só acontecem comigo, então eu direi que é um dos atentados mais graves à cidadania, que é fazer discriminação entre os cidadãos, entre as pessoas; a nossa Constituição é clara quanto à discriminação. Se isto só acontece comigo então que mal fiz eu? Tive e tenho a coragem de desmascarar muitas coisas? Querem pessoas submissas e de palmadinhas nas costas?

Ah! É verdade, já me esquecia de esclarecer dúvidas que me colocaram e que me levaram, mais uma vez, a pegar na caneta - vou à Tesouraria, mas quem escreve e assina a solicitar a minha comparência não são os funcionários desta, nem outros, mas o eleito que preside aos destinos da Câmara, que fique bem claro! Esperemos que no futuro na sequência do que hei escrito não passem os funcionários a assinar. Já não nos admiramos!

Se à escala local isto é

assim não nos podemos admirar das grandes convulsões do mundo - Kosovo, Timor-Leste ...! Será que poderemos ficar mudos e calados perante tantas provocações? Será que não temos o direito de nos exasperarmos? Desacreditam-se a eles próprios, mas isso é com eles, mas não têm o direito de desacreditar a democracia e o próprio estado. Os votos nas urnas foram para quê?

Li num semanário que os *boletins municipais* vão passar a reger-se pela Lei de Imprensa, acho bem pois em Nisa artigos meus foram censurados e praticou-se a violação dos direitos de autor.

Digo-o sinceramente que estou farto e cansado, é que não é só um caso, são casos e casos continuados. Para demonstrar o quê? Poder? Poder nos 25 anos do 25 de Abril?

No dia 24 eu sabia com o que contava, hoje não sei!

Ó vã glória de mandar!

José Dinis Murta



TELEFONES ÚTEIS

EMERGÊNCIA 112		P. Telefónico Público	457112
NISA		457121	
Centro de Saúde	412133	Vila Flor — PT Público	457145
Bombeiros Voluntário	412303	Centro de Saúde	457136
GNR	412449	S. C. Misericórdia	457169
Câmara Municipal	410000/	AREZ	
42237/ 42148 Fax 045/ 42799		Junta de Freguesia	748146
Biblioteca Municipal	412806	Centro de Saúde	748126
Posto de Turismo	412457	P. Telefónico Público	748111
J. Espírito Santo	412219	S.C. Misericórdia	748151
J. R. N. Sr. da Graça	413490	MONTALVÃO	
LTE (avarias) Gratuito	0800246246	Junta de Freguesia	43132
Táxis (Praça da República)	412186	GNR	743114
Escola Prof. Mendes dos Remédios	412257	Centro de Saúde	743373
ETAPRONI	412842	S.C. Misericórdia	743288
Termas de Nisa	798133	P. Telefónico Público	743118
ALPALHÃO		PT Público-Salavessa	743141
Extensão da Câmara	742131 /	PÉ DA SERRA	
Fax	742475	Junta de Freguesia	743436
GNR	742225	P. Telefónico Público	743143
Centro de Saúde.	742121	SANTANA	
Junta de Freguesia.	742154	Junta de Freguesia	469130
TOLOSA		Centro Social	469321
Extensão da Câmara	798474 /	Postos Telefónicos Públicos:	
Fax	798421	Arneiro	469131
GNR	798144	Pardo	469181
Centro de Saúde	798135	S. MATIAS	
Junta de Freguesia	798168	Postos Telefónicos Públicos:	
Centro Social de Tolosa	798264	Cacheiro	469120
P. Telefónico Público	798151	Chão da Velha	469116
AMIEIRA DO TEJO		Falagueira	469112
Junta de Freguesia	457136	Monte Claro.....	469141
		Velada.....	469107

CONTO DO REI DEMOCRATA

Há dias contaram-me um conto. E eu conto-vos o conto.

Era um rei que se dizia democrata. Em jovem lutara pela democracia, conta-se, pois isto é um conto e quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto. E um dia, ao território, que viria a ser o reino do rei que se diria democrata, chegou a democracia numa manhã de Primavera que plantaram de cravos vermelhos. De noite, quando uma estrela caía, ele ceifou os cravos e martelou tudo numa bandeira, a sua bandeira. De manhã, quando os cidadãos acordaram já era tarde demais para fazer a mudança.

Um rei governa um reino. Há quem chame ao rei monarca e à sua forma de governar monarquia, palavra formada por *mono* e *arquia* (arcia). *Mono* significa um e *arcia* governo, logo governo de um, só um é que governa, o rei, o monarca e mais nenhum.

E o monarca, mesmo sendo monarca, dizia, que era democrata. Tinha discursos inflamados sobre a democracia. Dizia que fazia tudo em democracia. Tratava a democracia por tu, dizia. Reunia em democracia, dizia. Fundou até uma escola que chamou a *escola da democracia*, para onde chamou os seus conhecidos professores e comprou bons livros, que ia pagando a peso de ouro, do ouro dos impostos.

Pela Primavera, mandava plantar palanques para falar, para encher a sua boca de democracia e os ouvidos dos que o ouviam de mentiras.

Um ano, depois de ter encomendado e comprado, a uns senhores que passaram pelo reino, um livro de elogios à sua pessoa, às

suas obras feitas e às suas obras não feitas, subiu ao palanque. Subiu ao palanque e de lá falou do livro, dos discursos, da primavera; falou das suas obras feitas, feitas por si, e das suas obras não feitas, mas que poderiam estar feitas por ele se não fora os entraves que colocaram às suas obras. Num reino que era dele, era difícil de explicar e de perceber - dizia - mas as obras feitas eram dele e as obras não feitas eram dos outros. O povo não percebia, pois se o governo era dele, se ele governava sozinho e como queria como é que as obras não feitas eram dos outros, e dos quais outros? O povo abanava a cabeça ou batia palmas, mas já não sabia se acreditava, ou não. Acreditar em quê ou em quem? Muitos tinham-se comprometido, pois, ainda que que discordassem dele, foram às urnas e tinham-lhes metido à força a caneta nas mãos, a mesma caneta que, nas tascas, mergulhava nos copos de vinho e, na música, nas notas das pautas, e assinaram, nem eles sabiam bem o quê. A vida era assim, iam ao almoço, ao jantar ou ao beberete, ainda que discordassem e soubessem que já o haviam pago com os impostos, mas também era verdade, diga-se, que ninguém consegue viver sem comer e sem beber. Pagar todos pagam, mas comer e beber era só para alguns e por isso sempre ficava mais barato.

Mas o rei tinha graves problemas. Não encontrava pessoa capaz a quem pudesse deixar o reino, vivia só. Reconhecia que matara com ferros. Reconhecia que a sua democracia não era a democracia dos livros, a democracia que fora inventada na Grécia há milhares anos. Democracia palavra

composta de *demo* e *cracia*, significa governo do *demo* e *demo* significa povo, logo governo do povo. Ele percebera mal a palavra *demo*, *demo* para ele não significa povo, tem outro significado, porém por cegueira, interesse ou vaidade fora o único que encontrara no dicionário, e assim governava para o *demo*. Das escolas que fundara começavam a sair os primeiros diplomados, que se aperceberam que afinal a democracia dos livros não era a que o rei praticava. O rei tapava-lhes a boca com empregos, com notícias nos jornais e nas rádios onde os diplomados não tinham acesso, quer por falta de dinheiro, quer por falta de poder, rei sempre é rei. O rei sabia que com a sua morte tudo rui, pois o reino não assentava na verdade, e isso custava-lhe, custava-lhe que não houvesse um continuador

para a sua filosofia. Já não havia gente capaz e então começou a virar-se para o passado.

Alguns leram num livro antigo, quase tão velho como o velho mundo, num livro que chamam de Bíblia: "*Não lrigues com um homem rico, para que ele não ponha o peso do seu dinheiro contra ti, pois o ouro já corrompeu muita gente e perverteu a consciência dos reis*". E eles sabiam que o dinheiro do rei não era dele, mas dos cofres do reino, e assim não lhe custava comprar e pagar tudo.

Era assim a democracia naquele reino, naquele território perdido na ponta da cauda dos confins do velho mundo.

Assim me contaram o conto e quem me contou terminou, segundo o velho hábito de quem conta contos:

-E o rei lá continua a reinar. Ainda ontem lá comi um lauto almoço que ele me pagou e onde me confidenciou que é bom ser monarca em democracia.

José Dinis Murta



Rui Neves

Fotógrafo

Casamentos
Baptizados
Aniversários

e outras comemorações

Grande variedade de produtos: Máquinas, Rolos, Álbuns, Molduras, etc

Rua 31 de Janeiro, 19 * 6050 NISA * Telef 045 - 413334

ÉCOMARCHÉ Nisa

PROMOÇÕES DE FIM DE SEMANA

(dias 16, 17 e 18 de Abril)

Couve Lombarda	49\$00 Kilo
Entremeada	349\$00 Kg
2 Rolos de Cozinha Renova	169\$00
Queijo de Castelo Branco - Certificado	2.799\$00 Kg

GRANDE CAMPANHA DE MATERIAL P/ JARDIM

Mangueiras/
50 metros -
3.250\$00

Vasos de Plástico
c/ pé
395\$00

Regadores de
Bico (3 Litros)
565\$00



ÉCOMARCHÉ

Os Mosqueteiros

**Nisa e Benfica
elimina Terrugem**

A equipa de futebol sénior do Sport Nisa e Benfica conseguiu mais um feito notável a juntar ao seu historial. No passado domingo - dia 11 - e em jornada das meias-finais da Taça da Associação de Futebol de Portalegre, eliminou após prolongamento e depois da marcação de 21 grandes-penalizações, a equipa da Terrugem, que é, nada menos do que o "comandante", isolado, da 1ª Divisão Distrital. Uma jornada triunfal para os benfiquistas de Nisa que sinham agora com a vitória na final e na participação na Taça de Portugal da próxima época. Um feito ao seu alcance. É preciso acreditar.

Dois jogos emotivos marcaram as meias-finais da Taça AFP. Num, jogavam os "vizinhos" Montargil e Foros do Arrão, ambos da 2ª Distrital. O jogo terminou empatado (1-1), obrigando ao necessário prolongamento. Aqui, novo empate (2-2) e a incerteza a projectar-se nas grandes penalidades. O Montargilense acabou por levar a melhor contabilizando mais dois remates certos. O resultado final (4-6) coloca a equipa de Montargil na final, onde vai encontrar o Nisa e Benfica, equipa que persegue na classificação do "distrital" da 2ª divisão.

Em Nisa, jogavam os dois primeiros das divisões do futebol sénior distrital: Terrugem e Nisa e Benfica. O favoritismo ia, claramente, para os homens da Terrugem, equipa mais apetrechada e com outras aspirações, já a pensar no título de campeão e a subida à 3ª Divisão Nacional.

Mas os de Nisa dispuseram no campo as suas "armas" e contrariaram, com vontade e um querer feito determinação, os intentos da equipa elvense. Aos 4 minutos, Álvaro marca o primeiro gol do Nisa e Benfica. Um minuto

Vai disputar a final



depois a Terrugem empata. É assim que o resultado chega ao final dos 90 minutos regulamentares. Mas, a Taça AFP não pode esperar e, no dia de todos os empates, o jogo

prossegue com meia hora de prolongamento. O empate e a emoção mantêm-se. É chegada a hora das grandes-penalizações. Cinco para cada lado e dez remates certos. Cem por cento de aproveitamento. Não pode ser, estamos a falar de equipas dos distritais, de jovens, uns mais velhos que outros, que gostam de futebol, que trabalham, alguns labutando em actividades bem duras e na "hora da verdade" não falham o alvo. Nova marcação de "penalties". Mais cinco para cada lado. Alguém alvitra: "mandem chamar o Humberto Coelho!" Ele tem de aprender como é que os alentejanos marcam as grandes-penalizações, para poder ensinar as "estrelas" que deslumbram a Europa e que, volta e meia, ficam sem saber onde está a baliza. Aqui não. E mais dez remates nas redes dos "goleiros". Certos. Só pode ser do calçado. Vamos já em vinte penalties! Depois dizem que os alentejanos bebem demais. Qual quê? Agora é a vez do

próprio "guardião" do Nisa, Luis Carita, tentar a sua sorte. Silêncio. Concentração. Os nervos à flor da pele. A responsabilidade. Todo o esforço, tilânico, de duas horas, dependente daquele remate. Nervosismo? Qual quê? São favas contadas. O Luis parte para a bola e com a mesma ligeireza em que ensaia um voo de asa, dá-lhe o caminho sem regresso do fundo das redes. Este já está, pensa o Luis. Tarde trabalhosa esta. Agora volta ser guarda-redes e fixa a sua atenção no "keeper" adversário. É ele que, imitando-o, vai tentar o gol. O Luis, lança-lhe, entre dentes, uma "provocação": "faíha lá esta coisa, pá, senão não saímos daqui hoje. O outro, compreendendo o apelo do colega, faz-lhe a "vontade", remata e não consegue os seus intentos. Explosão de alegria, foguetes, vitória. Maratona futebolística acabada. Ufff! Já não era sem tempo...

DISTRITAL DA 1ª DIVISÃO

Resultados da 25ª Jornada

- AD Alter, 0 - Arenense, 0
- Os Elvenses, 0 - Avisenses, 2
- Alpalhoense, 0 - Póvoa e Meadas, 0
- Mosteirense, 3 - Tramaga, 2
- Alegrete, 4 - Monfortense, 1
- Elétrico, 4 - Caiense, 0
- Terrugem, 7 - Santa Eulália, 0
- Cast. de Vide, 1 - Fronteirense, 0

Próxima jornada

- Avisenses - Arenense *
- Póvoa e Meadas - Os Elvenses
- Tramaga - Alpalhoense
- Monfortense - Mosteirense *
- Caiense - Alegrete
- Santa Eulália - Elétrico *
- Fronteirense - Terrugem
- Cast. de Vide - AD Alter
- * Disputam-se no sábado

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1ª Terrugem	25	19	4	2	71-21	61
2ª Avisenses	25	19	2	4	68-24	59
3ª Elétrico	25	17	5	3	69-26	58
4ª AD Alter	25	13	9	3	42-24	48
5ª Cast. de Vide	25	10	6	9	39-29	36
6ª Arenense	25	08	11	6	24-24	35
7ª Elvenses	25	10	4	10	45-34	34
8ª Alegrete	25	09	7	9	41-45	34
9ª Monfortense	25	09	5	11	41-37	32
10ª Póvoa Meadas	25	07	9	9	33-34	30
11ª Fronteirense	25	07	8	10	24-33	29
12ª Tramaga	25	07	5	13	27-40	26
13ª Alpalhoense	25	07	5	13	24-50	26
14ª Mosteirense	25	07	3	15	32-59	24
15ª Santa Eulália	25	04	2	19	16-72	14
16ª Caiense	25	03	3	19	17-59	12

DISTRITAL DA 2ª DIVISÃO

Resultados da 20ª Jornada

- Foros do Arrão, 4
- Canense, 1
- GD Urra, 1
- Gafetense, 1
- FC Crato, 8
- Esperança, 1
- Alagoa, 2
- Nisa e Benfica, 4

Classificação

	J	V	E	D	G	P
1ª Nisa e Benfica	19	13	4	2	61-17	43
2ª Montargilense	19	13	3	3	38-18	42
3ª GD Urra	19	13	2	4	52-23	41
4ª FC Crato	19	12	1	6	48-37	37
5ª Foros de Arrão	19	9	5	4	51-26	32
6ª Degoladense	19	9	5	5	51-22	32
7ª SC Canense	19	7	3	8	39-57	24
8ª GD Fortios	19	7	2	10	35-47	23
9ª Gafetense	20	6	5	9	47-40	23
10ª Benavilense	20	6	3	11	40-47	21
11ª Alagoa	20	2	1	17	21-93	07
12ª Esperança	20	1	0	19	23-76	03

Próxima jornada: Canense - Degoladense; Fortios - Foros do Arrão; Esperança - GD Urra; Nisa e Benfica - FC Crato; Montargilense - Alagoa

Folgam: Gafete e Benavilense

Benavilense, 1
Montargilense, 2
Folgarão:
Degolados e Fortios

Núcleo de Cicloturismo em acção

O Núcleo de Cicloturismo do Sport Nisa e Benfica vai entrar em acção e divulgou o calendário da sua participação em iniciativas nos meses de Abril e Maio.

Assim, no dia 18 de Abril participa no 2º Passeio Cicloturístico da Sociedade Filarmónica 1ª de Dezembro, de Alpiarça. A 24 no 1º Passeio Cicloturístico do concelho do Gavião e a 1 de Maio, ainda no mesmo concelho, no 1º Passeio Cicloturístico de Atalaia.

A 23 de Maio, o Núcleo desloca-se ao Cartaxo para participar em idêntica iniciativa promovida pelo Grupo Desportivo de Pontével.

Futebol de A a Z

B - BOLA - É o primeiro brinquedo da criança, e uma coisa mesmo a jeito para ser jogada; dá satisfação mexer-lhe com as mãos, com os pés, com a cabeça. Todos devemos ter direito a jogar à bola, desde criança até todas as idades. A bola não tem idade, não tem bicos, não tem preferências, é igual para todos; é o jogo perfeito. Diz-se que a bola é redonda e que são onze de cada lado e com isso quer dizer-se... isso mesmo! que ela não terá favoritismos para uns ou para outros, que é imparcial, que está ali para ser jogada e que quem a jogar melhor deverá ser o vencedor do jogo. Sendo a bola assim tão prestável, tão amiga, tão colaborante, devemos tratá-la bem, com jeito, com habilidade... Os brasileiros até lhe chamam a "menina"...



Do Alto do Talefe

Por Zé de Nisa



Mas o que é isto do 25 de Abril?

Comemorações, festejos, discursos e 25 de Abril, para trás e para diante. Anos antes era o 1º de Dezembro, o 5 de Outubro, o 28 de Maio, o 1º de Maio, o 10 de Junho, o 31 de Janeiro. Datas, apenas datas com números e nomes de meses que de uma ou outra forma invadiam o imaginário popular.

Para os que vivem a política nacional, estas e outras datas relembram acontecimentos que marcaram profundamente o viver dos portugueses, para o bem e para o mal.

Acontece que no dia 10 de Abril de 1999, este vosso amigo deu um salto à capital, mais propriamente à antiga Expo, para assistir ao início de lançamento da candidatura do senhor, (porque é um senhor) carago, como diria o meu congado Timbo de Brago). Doutor (porque é um doutorado em política nacional e internacional) Mário Soares ao Parlamento Europeu.

Não pretendo fazer a apologia desta candidatura pelo Partido Socialista, porque não é desta matéria que esta coluna se ocupa.

Mas esta figura incontestável da democracia portuguesa, a par dos Doutores Cunha e Sá Carneiro existem no imaginário político português devido ao 25 de Abril de 1974.

Um miúdo dos seus dezasseis anos, que assistia a meu lado, perguntou-me:

—Mas o que é isto do 25 de Abril?

Simplesmente o fim de uma ditadura, que nasceu em 28 de Maio de 1926 pela mão do general Gomes da Costa e que o conduziu à patente de marechal do exército português.

Pela mão deste homem, chegou ao poder outro homem de nome Salazar, que foi ministro das Finanças de 30 de Maio a 30 de Julho de 1926, mas porque a situação ainda era de alguma confusão abandona o governo. Em 15 de Abril de 1928 é proclamado Presidente da República o general Carmona, que nomeia para chefe do governo o general Vicente de Freitas, o qual convoca Salazar para as Finanças. Em 5 de Julho de 1932 Salazar é nomeado chefe do governo e assim se mantém até ficar gravemente doente em 10 de Setembro de 1968.

40 anos de ditadura autocrática em que pela sua mão foram mandados prender, demitir, ou deportar milhares de portugueses que tinham opiniões diferentes das dele.

No seu primeiro discurso, em 1928 afirmava "sei muito bem o que quero e para

onde vou"

Sabia o que queria e não admitia que outros quisessem, sabia para onde ia mas não permitia que outros escolhessem o seu próprio caminho.

Para o conseguir constituiu a policia política - a PIDE, que moveu uma implacável perseguição a todos os que tinham ideias contrárias às suas.

Este homem, Salazar, morreu em 1970, deixando um continuador, Marcelo Caetano. Este homem Salazar foi destituído no dia 25 de Abril de 1974 por uma sublevação militar, à qual o povo anónimo de Lisboa se juntou, dando vivas à liberdade conquistada.

Durante quase 50 anos, trabalhadores e políticos lutaram pela madrugada libertadora e de entre estes, Mário Soares e Álvaro Cunhal foram figuras de proa.

Nos últimos anos do regime Sá Carneiro liderou um conjunto de portugueses que pugnavam por mudanças urgentes no sistema político português.

Ao assistir no dia 10 de Abril de 1999 ao discurso de Mário Soares, bateu-me de repente esta pergunta, mas o que é isto do 25 de Abril?

E a resposta não podia ser outra: Liberdade de pensar, Liberdade de agir, Liberdade de decidir, Liberdade de escrever, Liberdade de escolher, Liberdade de amar, Liberdade de viver, Liberdade, Liberdade, Liberdade.

O que é isto do 25 de Abril? É LIBERDADE.

O que é isto do 25 de Abril? É não haver prisões como o Tarrafal, o Aljube ou Peniche. É não haver censura prévia na informação. É não haver falsos valores morais decretados.

O que é isto do 25 de Abril? É liberdade de escolher candidatos e liberdade de os rejeitar.

O que é isto do 25 de Abril? É liberdade de sonhar e de escrever os sonhos.

O que é isto do 25 de Abril? É a liberdade de perguntar o que é isto do 25 de Abril?

Como também é a liberdade de perguntar se o capitão Salgueiro Maia, não mereceria ser elevado à dignidade de Marechal do exército português? Afinal de contas, outros que não nos deram a liberdade antes a cercaram ascenderam a essa dignidade.

Mas, o 25 de Abril também é a liberdade de para mim anónimo português, nisorro de alma e coração, nomear marechal o ilustre capitão Salgueiro Maia, que me deu a LIBERDADE, o maior bem que possuo.

POSTAIS do Concelho



CORREIO DA EUROPA

Os poderes do Parlamento Europeu (II)

O papel do PE na aprovação da legislação comunitária

Cada vez mais, a vida quotidiana dos cidadãos e das empresas europeias é regulamentada a partir das instituições comunitárias (de "Bruxelas", como usualmente refere a comunicação social). A qualidade da água que bebemos ou do carne que comparamos, o modo como viajamos livremente (ou não) no território da UE, os fundos para a construção da autoestrada em que nos deslocamos diariamente, e até, depois da criação do euro, as grandes decisões de política monetária e económica que condicionam em boa medida o nosso nível de vida, dependem primariamente de decisões tomadas a nível comunitário.

Daí, ser fundamental que o órgão que representa os povos europeus tenha uma palavra a dizer sobre essas decisões, única maneira de se poder, de algum modo, dizer que a UE tem uma estrutura democrática e que também a nível europeu existe "um governo do(s) povo(s) para o(s) povo(s)". O Tratado de Maastricht constituiu um grande passo em frente nesse sentido, ao instituir, embora num âmbito algo limitado, um processo de co-decisão PE-Conselho, em que ambas as instituições têm uma palavra decisiva a dizer, garantindo assim que as decisões que afectam a vida dos europeus assentam numa dupla legitimidade: a legitimidade democrática - resultante da participação do PE, enquanto instituição representativa dos cidadãos, e a legitimidade nacional, expressa no conselho, a instituição que representa os Estados-membros.

A co-decisão é um processo complexo, ao longo do qual, PE e Conselho devem desenvolver uma profunda negociação, a fim de acordarem num texto normativo susceptível de agradar a ambas as instituições, pois sem o acordo final do PE e do Conselho o texto em questão não poderá entrar em vigor. Caso ao longo das duas leituras em cada instituição haja divergências, é convocado um Comité de Conciliação, composto paritariamente por membros de ambas as instituições, o qual deverá acordar num texto de compromisso. Se o conseguir, esse texto será submetido à aprovação do PE e do Conselho. Se ambas as instituições o aprovarem, o texto considerará-se adoptado. Caso contrário, não há acto legislativo.

Co-decisão: a regra geral no futuro?

Por enquanto, este processo só se aplica a algumas matérias, mantendo-se em geral o chamado processo de cooperação: trata-se de um processo em duas leituras, no qual o PE pode conseguir introduzir alterações no texto em discussão - sobretudo se contar com o apoio da Comissão - ou até rejeitar o texto final. Contudo, se houver unanimidade no Conselho, este pode sempre ultrapassar a posição assumida pelo PE.

Além disso, em muitas áreas importantes (política agrícola comum, recursos próprios, etc.), mantém-se o tradicional processo de consulta: o PE limita-se a emitir um parecer, o qual pode ou não ser tido em consideração pelas outras instituições.

Quando o Tratado de Amsterdão entrar em vigor, trará um aumento considerável das matérias sujeitas à co-decisão. Contudo, o PE quer ir mais longe, reivindicando a generalização do processo de co-decisão a todas as matérias de natureza legislativa (particularmente aquelas em que o Conselho decide por maioria qualificada). Só então se dará um importante passo para colmatar o "défice democrático" de que o sistema institucional da UE, reconhecidamente, padece.

FICHA TÉCNICA JORNAL DE NISA

Quinzenal
Largo do Município, nº 35 - 1º
7300 Portalegre

Director-Fundador: Mário Mendes

Colaboradores: Mário Mendes, Luís Pedro, Zé de Nisa, Joaquim Mauricio, Patricia Porto, José Marta, João da Cruz e Florinda Formoso, Curado da Silva.

Correspondentes
França - António Concha
Tolosa - Carlos Silva
Portalegre - Francisco Graça Ferreira
Amieira do Tejo - Jorge Pires

Edições Fonte Nova - Publiarvis
Largo do Município, nº 35 - 1º
7300 Portalegre
Telef. (045) 300740 Fax: 300748

ADMINISTRAÇÃO
Largo do Município, nº 35-1º
7300 Portalegre
Telef. (045) 300740 Fax: 300748

Redacção:
Apartado 67 - 6050 Nisa

Composição e Impressão
PUBLIARVIS, LDA

Tiragem: 1000 exemplares

JORNAL DE NISA
Largo do Município, 35-1º
7300 Portalegre

ASSINATURAS
Anual - 2.500\$00

Nome _____

Morada _____

Localidade _____

Código Postal _____

NOTA: Os cheques devem ser emitidos em nome PUBLIARVIS.